



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LIBRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Luma Carla Moraes de Lima

**Estratégias para adoção de termos técnicos por
tradutores e intérpretes de Libras-português**

Florianópolis
2024

Luma Carla Moraes de Lima

Estratégias para adoção de termos técnicos por
tradutores e intérpretes de Libras-português

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras Libras do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Tarcisio de Arantes Leite

Florianópolis

2024

de Lima, Luma Carla Moraes
Estratégias para adoção de termos técnicos por
tradutores e intérpretes de Libras-português / Luma Carla
Moraes de Lima ; orientadora, Tarcísio de Arantes Leite,
2024.

61 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - LIBRAS,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Letras - LIBRAS. 2. línguas de sinais. 3.
terminologia. 4. tradução e interpretação de línguas de
sinais. I. Leite, Tarcísio de Arantes. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - LIBRAS.
III. Título.

Luma Carla Moraes de Lima

Estratégias para adoção de termos técnicos por
tradutores e intérpretes de Libras-português

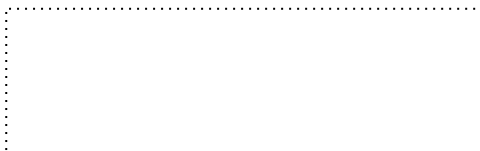
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel(a) em Letras Libras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Libras – Bacharelado.

Florianópolis, 23 de julho de 2024.

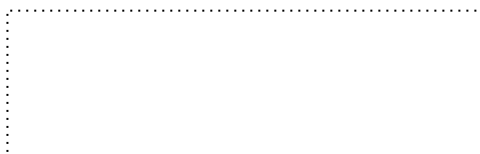


Coordenação do Curso

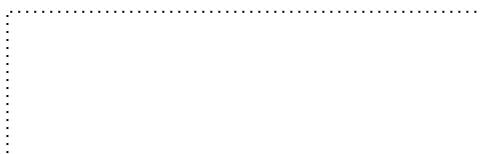
Banca examinadora



Prof. Dr. Tarcisio de Arantes Leite
Orientador



Prof. Dr. Iranvith Cavalcante Scantbelruy
Universidade Federal do Amazonas



Profa. Ma. Larissa Dantas de Lima
Universidade Federal do Amazonas

Florianópolis, 2024

À Deus, Criador de todas as coisas;
A minha mãe Glaze Moraes, por todos os sacrifícios que ela fez
durante toda sua vida para que eu pudesse chegar ao Ensino Superior;
Ao meu avô Raimundo Moraes, minha tia Jane e Edivan,
que partiram antes da conclusão deste trabalho;
A todos meus amigos que acreditaram em mim,
mesmo que eu mesma não tenha acreditado;
E a toda equipe de coordenação do Curso Letras Libras da UFSC EaD.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu orientador Professor Dr. Tarcísio Arantes Leite por toda a paciência, palavras bondosas e ajuda que me forneceu no processo de realização deste trabalho. Ele foi a peça fundamental para que toda esta pesquisa tenha se concretizado.

Agradeço aos colegas TILSP que ajudaram nessa pesquisa.

A Joyce Kelly e Charles Johnson pela ajuda, disponibilizando do seu tempo para ajudar a gravar captar imagens.

Por último, agradecer a todos os que participaram de forma direta ou indireta na produção deste TCC.

RESUMO

Todas as línguas humanas apresentam o fenômeno da variação linguística, motivada por fatores sociais diversos, tais como idade, gênero, região, classe social, raça, por exemplo, e também motivada pelas esferas sociais nas quais os falantes circulam, como por exemplo o âmbito religioso, legislativo, hospitalar, entre outros (McCleary, 2009). Entre essas esferas sociais, algumas são altamente institucionalizadas e especializadas, apresentando uma linguagem especializada caracterizada por jargões técnicos, denominados “terminologias” (Ferreira *et al.*, 2024). Quando estudamos no Ensino Superior, as diferentes disciplinas das diferentes áreas do conhecimento apresentam esse tipo de linguagem, e por esse motivo cada área e cada disciplina apresenta terminologias específicas, que são bastante distintas da linguagem cotidiana. Por muito tempo, as comunidades surdas ficaram afastadas dessas esferas sociais especializadas, pela falta do reconhecimento oficial de sua língua, a língua brasileira de sinais (Libras). No Brasil, foi principalmente a partir da promulgação da Lei n. 10.436/2002 e o Decreto n.5.626/2005 que as pessoas surdas começaram, juntamente com a sua língua, a circular nessas esferas sociais. Diante desse contexto, podemos constatar o problema desta pesquisa, que envolve a lacuna terminológica de sinais da Libras para as diferentes áreas especializadas de conhecimento no Ensino Superior. Esse problema coloca a questão que justifica essa pesquisa, que é a de compreender como os intérpretes de línguas de sinais estão resolvendo o problema da lacuna terminológica quando precisam interpretar as disciplinas do Ensino Superior, diante do crescente número de surdos que integra esses cursos? Assim, o objetivo dessa pesquisa foi o de verificar quais tem sido as soluções encontradas pelos intérpretes para lidar com a lacuna terminológica na Libras. A metodologia utilizada para investigar esse objetivo foi de base exploratória (Gil, 2002), envolvendo a aplicação de um questionário online por meio da plataforma GoogleForms, que possibilita analisar tanto aspectos qualitativos quanto quantitativos. A partir das respostas de 28 intérpretes, as análises possibilitaram reflexões sobre o perfil desses intérpretes atuantes no Ensino Superior, bem como as suas perspectivas sobre quatro principais estratégias de interpretação sugeridas pela pesquisadora: a pesquisa de termos técnicos na internet, a consulta à intérpretes mais experientes, o uso da soletração manual e a criação de sinais explorando a iconicidade visual da Libras (Taub, 2001). Nas considerações finais, a pesquisadora exemplifica essas estratégias a partir de sua própria experiência e reflete sobre as semelhanças e diferenças de sua percepção comparativamente às respostas dos intérpretes nos questionários.

Palavras-chave: línguas de sinais; terminologia; tradução e interpretação de línguas de sinais; sociolinguística; ensino superior.

ABSTRACT

All human languages present the phenomenon of linguistic variation, motivated by different social factors, such as age, gender, region, social class, race, for example, and also motivated by social spheres in which speakers circulate, such as the religious context, the legislative context, the hospital context, and others (McCleary, 2009). Among these social spheres, some are highly institutionalized and specialized, presenting a specialized language characterized by technical jargon, so called “terminologies” (Ferreira *et al.*, 2024). When we study in Higher Education, the different subjects in different areas of knowledge present this type of language, and for this reason each area and each subject present specific terminologies, which are quite different from everyday language. For a long time, deaf communities were kept away from these specialized social spheres, due to the lack of official recognition of their language, the Brazilian Sign Language (Libras). In Brazil, it was mainly after the promulgation of Law number 10.436, in 2002, and the Federal Decree number 5626, in 2005, that deaf people began to circulate in these social spheres. Given this context, we can see the problem of this research, which involves the terminological gap in Libras for the different specialized areas of knowledge in Higher Education. This problem raises the question that justifies this research, which is to understand how sign language interpreters are solving the problem of the terminological gap when they need to interpret Higher Education subjects, given the growing number of deaf people taking part in these courses. Thus, the objective of this research was to verify what solutions have been found by interpreters to deal with the terminological gap in Libras. The methodology used to investigate this goal was exploratory (Gil, 2002), involving the application of an online questionnaire through the GoogleForms platform, which makes it possible to analyze both qualitative and quantitative aspects. Based on the responses of 28 interpreters, the analyzes enabled reflections on the profile of these interpreters working in Higher Education, as well as their perspectives on four main interpretation strategies suggested by the researcher: searching for technical terms on the internet, consulting more experienced interpreters, the use of manual spelling and the creation of signs exploring the visual iconicity of sign languages (Taub, 2001). In the concluding remarks, the researcher exemplifies these strategies based on her own experience and reflects on the similarities and differences in her perception compared to the interpreters' answers in the questionnaires.

Keywords: sign language; terminology; sign language translation and interpretation; sociolinguistics; Higher Education.

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO:

Título: Estratégias para adoção de termos técnicos por tradutores e intérpretes de Libras-português

Lumá Carla Moraes de Lima
Orientador: Prof. Dr. Tarcisio de Arantes Leite

Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado em Letras Libras, 2024.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1H3vVsDNhPg>



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Neologismos criados na Libras no campo da linguística.....	27
Figura 2 - Exemplo de empréstimo por soletração manual e por inicialização.....	28
Figura 3 - Exemplos de sinais icônicos na Libras.....	30
Figura 4 - Exemplos de sinais cuja motivação é opaca.....	30
Figura 5 - Neologismos icônicos na área de Letras Libras.....	31
Figura 6 - Processos implícitos na criação de sinais icônicos.....	32
Figura 7 - Exemplo de glossários produzidos pelo INES e pela UFSC.....	55
Figura 8 - Exemplo de neologismos criados com base na iconicidade.....	57
Figura 9 - Exemplo de sinais adotados a partir de pesquisas na internet.....	58
Figura 10 - Exemplo de sinais adotados em consulta com colegas experientes.....	59
Figura 11 - Exemplo de sinal produzido por meio de soletração manual.....	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil etário dos TILSP respondentes.	38
Gráfico 2 - Perfil de gênero dos TILSP respondentes.	38
Gráfico 3 - Perfil de escolaridade dos TILSP respondentes.	39
Gráfico 4 - Áreas de formação dos TILSP respondentes.	40
Gráfico 5 - Idade em que os TILSP respondentes começaram a aprender Libras.	40
Gráfico 6 - Como os TILSP respondentes avaliam a sua proficiência linguística.	41
Gráfico 7 - Tempo de atuação profissional dos TILSP respondentes.	43
Gráfico 8 - Gêneros textuais nos quais os TILSP se sentem seguros.	44
Gráfico 9 - Percepção dos TILSP sobre existência de vocabulário técnico	46
Gráfico 10 - Percepção dos TILSP sobre disponibilidade terminológica de sinais da Libras nos cursos em que atuaram	48
Gráfico 11 - Estratégias dos TILSP diante da ausência de termos técnicos.	50
Gráfico 12 - Preferências dos TILSP por estratégias de adoção de termos.	51
Gráfico 13 - Percepção dos TILSP sobre a eficácia de cada estratégia.	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Percepções dos TILSP sobre a estratégia de soletração manual para adoção de termos técnicos na Libras.....	54
Quadro 2 - Percepções dos TILSP sobre a estratégia de pesquisa na internet para adoção de termos técnicos na Libras.....	55
Quadro 3 - Percepções dos TILSP sobre a busca de apoio a outros TILSP para adoção de termos técnicos na Libras.....	56

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	17
1.2	JUSTIFICATIVA.....	18
1.3	PROBLEMA DE PESQUISA.....	19
1.4	OBJETIVOS.....	20
1.5	ESTRUTURA DO TCC.....	20
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1	A SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	22
2.2	O DESAFIO DA LACUNA TERMINOLÓGICA NA LIBRAS.....	23
2.3	A ICONICIDADE DOS SINAIS NAS LÍNGUAS DE SINAIS.....	29
3	METODOLOGIA.....	34
3.1	ABORDAGEM DE PESQUISA.....	34
3.2	CRIAÇÃO E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	35
3.3	PERFIL DOS TILSP PARTICIPANTES.....	37
4	ANÁLISE.....	44
4.1	EXPERIÊNCIA DOS TILSP RESPONDENTES.....	44
4.2	EXPERIÊNCIA PESSOAL DA PESQUISADORA.....	56
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60

1 INTRODUÇÃO

A Libras é a língua utilizada por surdos e ouvintes fluentes nesse idioma no Brasil. Sua existência no país remonta pelo menos desde o século XIX, com a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos, em 1856, porém foi nos últimos anos que ela tem ganhado grande visibilidade devido a luta da comunidade surda. Em meio a muitas lutas, ela se tornou um idioma regulamentado em nosso país, reconhecida por meio da Lei n. 10.436 de 2002, que diz:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Esse reconhecimento oficial da Libras assegurou aos surdos o direito de acessibilidade em diversos meios sociais e acadêmicos. Como consequência, pessoas que já atuavam como tradutores e intérpretes de Libras (doravante TILSP), mesmo que ainda não tivessem um diploma formal na área, ganharam espaço como profissionais. O Decreto n. 5.626/2005 assegura a inclusão da Libras como disciplina curricular, além de garantir à pessoa surda acesso à informação em todas as etapas e modalidades de educação.

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior (Brasil, 2005).

Assim, com a garantia legal de acessibilidade linguística dentro de instituições públicas e privadas, os surdos começaram a ocupar espaços nos cursos de diferentes áreas do conhecimento, tornando cada vez mais relevante a presença do profissional TILSP, cuja profissão só seria regulamentada cinco anos após o Decreto n. 5.626 de 2005, pela Lei n. 12.319 de 2010.

Em meio a essas mudanças no âmbito legal e em grande medida como decorrência delas, no ano de 2006 a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) iniciou o primeiro curso de Letras Libras no Brasil, na modalidade à distância, voltado inicialmente para a formação de professores de Libras, isto é, na modalidade da Licenciatura. Em 2008, uma nova turma da licenciatura foi iniciada, mas agora

também acompanhada de uma nova modalidade, o Bacharelado em Letras Libras, com o objetivo de formar TILSP nos mais diversos contextos (Quadros, 2014). Desse modo, o curso possibilitou que pessoas que já atuavam como TILSP pudessem obter uma formação oficial e, com o surgimento posterior de outros cursos de Letras Libras à distância e presenciais no país, que novas pessoas ingressassem nesse campo de atuação.

Foi nesse contexto social e histórico que eu, em 2016, ingressei no curso de Letras Libras EaD pela UFSC, no pólo de Manaus. Anteriormente a isso, eu já tinha tido contato com a Libras na minha primeira graduação, que havia sido interrompida no início do mesmo ano. Já havia também feito cursos de Libras que eram oferecidos em instituições públicas no estado do Amazonas, além de participar de atividades voluntárias com a comunidade surda.

Após entrar no curso de Bacharel em Letras Libras, no entanto, minha experiência com a Libras se aprofundou, não apenas porque comecei a aprofundar meus estudos sobre essa língua, mas também porque tive a oportunidade de iniciar um trabalho como intérprete em uma instituição privada de ensino superior. Minha experiência neste trabalho contextualiza o problema sobre o qual me debruçarei nesta pesquisa de TCC.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Quando iniciei meu trabalho como intérprete de um curso superior, trabalhei em dupla com um intérprete mais experiente, que me auxiliava nas interpretações das aulas. Com o passar do tempo, começamos a trabalhar em turmas separadas. Durante as aulas, eu trocava informações com os alunos surdos e, como havia muitos jargões acadêmicos, normalmente nós convencionávamos juntos os sinais para determinados termos, ou eu pesquisava os sinais na internet e antes das aulas os apresentava aos alunos para decidirmos quais seriam usados.

No decorrer do curso de Letras Libras, tivemos contato com ferramentas de pesquisas na Libras, além de estudarmos sobre como nos preparar para a atuação de uma interpretação, o que favoreceu grandemente a minha atuação profissional. Aprendi sobre a importância de poder tomar contato com os conteúdos programáticos previamente às aulas e conhecer o perfil comunicativo dos alunos para quem iria interpretar. Eu também compreendi por meio dos estudos sociolinguísticos sobre a

complexidade das questões da variação linguística e da necessidade de criação de terminologias na Libras para as áreas científicas.

No ano de 2018 comecei a interpretar no curso de Bacharelado em Ciências da Computação. Esse foi um grande desafio para mim, principalmente pela falta de termos em Libras em disciplinas mais específicas do curso. Durante esse processo, adotei algumas práticas para resolver problemas de interpretação no que diz respeito aos termos desconhecidos, como por exemplo: i) fazendo pesquisas feitas no YouTube; ii) criando sinais icônicos com base em imagens usadas pelos professores durante as aulas que estivessem associadas ao conceito; iii) adotando sinais provisórios feitos pelos próprios discentes; e iv) estabelecendo contato com outros TILSP que já haviam passado por disciplinas semelhantes.

A partir dessa primeira experiência, que depois se estendeu para outros cursos do ensino superior nos quais atuei, acabei me questionando sobre como outros colegas resolviam problemas interpretativos em campos do conhecimento onde sabemos que historicamente a Libras não teve circulação e, conseqüentemente, não desenvolveu vocabulários técnicos específicos. Assim, despertou o meu interesse pelo tema deste TCC, sobre quais seriam os critérios para adoção de terminologias nos diferentes campos científicos do ensino superior pelos meus colegas TILSP.

1.2 JUSTIFICATIVA

Na vida moderna, sabemos que a educação formal tem um papel fundamental na sociedade. O Ensino Superior, em particular, é voltado ao aprofundamento e especialização dos conhecimentos necessários para o cidadão atuar em diferentes campos de trabalho, como a medicina, a advocacia, a tradução, o ensino de línguas ou até como cientista na carreira acadêmica. Diante do crescente reconhecimento legal e institucional da Libras nos últimos anos, então, a comunidade surda tem ocupado cada vez mais espaços institucionais de Ensino Superior em campos de estudo diversos.

Isso coloca grandes desafios para os TILSP, que são os profissionais que vão fazer essa ponte entre instituição educacional e a pessoa surda. Como discutido acima, a formação de TILSP é muito recente no Brasil, tendo iniciado com o Curso de Letras Libras EaD em 2008. Antes de possuir essa possibilidade de curso de formação, as pessoas que eram intérpretes quase sempre vinham de famílias que

tinham pessoas surdas, ou de igrejas que tinham um projeto missionário em relação a grupos sociais tais como os surdos (Assis Silva, 2012). Portanto, mesmo os TILSP mais experientes tinham um conhecimento da Libras mais relacionado ao cotidiano e atuavam em espaços comunitários. Com o passar do tempo e o aumento da demanda, esses intérpretes passaram também a ocupar espaços acadêmicos. Logo, esses TILSP estavam mais familiarizados a uma Libras vernacular e não às linguagens dos campos técnicos e científicos no Ensino Superior que são altamente especializadas.

Mesmo se considerando o português, autores como Kato (1986) afirmam que os registros mais especializados da escrita são tão diferentes do português vernacular que poderíamos considerá-los como uma segunda língua a ser adquirida pelas pessoas ouvintes. Assim, os TILSP que atuam em diferentes campos do Ensino Superior enfrentam o desafio não apenas da adoção de termos técnicos na Libras, mas na própria compreensão dos assuntos abordados em cada campo. Isso se soma ao desafio de ter que apresentar uma solução tradutória com uma grande pressão de tempo, tendo em vista a constante progressão das matérias nas disciplinas.

Desse modo, quando olhamos a realidade da sala de aula do Ensino Superior em que os alunos surdos estão inseridos, seja ela de graduação ou pós-graduação, vemos que tanto os TILSP quanto os alunos surdos enfrentam um grande desafio: a necessidade de suprir a lacuna terminológica na Libras ao mesmo tempo em que estão se familiarizando com o conteúdo de áreas novas para eles. Com base nessas considerações, justificamos a relevância de pesquisas como a que está sendo apresentada neste TCC, que busca verificar, junto aos TILSP, quais tem sido as estratégias para adoção de termos técnicos em seus cursos de atuação.

1.3 PROBLEMA DE PESQUISA

O problema da pesquisa caracteriza-se, portanto, pela carência de vocabulário técnico em Libras no Ensino Superior, problemática que se apresenta em maior ou menor grau em diferentes áreas dependendo de aspectos sociolinguísticos diversos que serão discutidos no capítulo de fundamentação teórica. A pesquisa pretende abordar esse problema a partir da perspectiva de intérpretes atuantes nessas diferentes áreas.

1.4 OBJETIVOS

A pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre as estratégias de adoção de termos técnicos em Libras por TILSP atuantes no Ensino Superior.

Em termos de objetivos específicos, nesta pesquisa procuro:

- a) refletir criticamente sobre as minhas próprias experiências diante dessa problemática;
- b) fazer um levantamento das estratégias que vem sendo adotadas por outros TILSP, bem como suas perspectivas sobre a questão.

1.5 ESTRUTURA DO TCC

Este trabalho de TCC está organizado da seguinte maneira. Na seção a seguir, de Fundamentação Teórica, iniciamos na seção 2.1 com uma discussão geral sobre a perspectiva sociolinguística no campo dos estudos linguísticos, de modo a contextualizar o tema de discussão. Nessa seção, explicamos que as terminologias são um dos tipos de variação linguística, por vezes denominadas “jargões” que estão relacionados a áreas especializadas, como é o caso das áreas científicas. Em seguida, na seção 2.2, passamos a caracterizar de modo mais específico a situação sociolinguística em que as comunidades surdas vivem, que envolve um “bilinguismo diglósico”: em relação ao “bilinguismo”, o termo se refere ao fato de os surdos viverem em sociedades nas quais a sua língua de sinais se apresenta como uma língua minoritária em meio a línguas orais enquanto línguas majoritárias, de modo que cada pessoa surda apresenta um nível de proficiência distinto em cada uma dessas línguas dependendo de seu histórico de vida pessoal; em relação a “diglósico”, o termo se refere ao fato de que o uso do português e da Libras estão, de modo geral, socialmente distribuídos em diferentes contextos, de tal modo que, historicamente, a Libras tem circulado mais naqueles ambientes de uso vernacular e informal da língua, ao passo que o português predomina em ambientes mais institucionalizados e formais. Por esse motivo, as terminologias ou jargões técnicos, típicos das esferas mais institucionalizadas e formais, ainda tem pouca representatividade no vocabulário da Libras. Concluimos então a fundamentação teórica abordando a importância da iconicidade na formação do vocabulário das línguas de sinais, tendo em vista que os

neologismos criados para se referir a termos técnicos são em grande medida criados a partir dessa motivação icônica.

Na seção seguinte, de Metodologia, apresentamos em 3.1 a abordagem de pesquisa, de natureza exploratória, envolvendo análise tanto de cunho qualitativo quanto quantitativo. Em seguida, em 3.2, apresentamos o questionário criado por meio da plataforma *GoogleForms* como uma “pesquisa de opinião pública” (em consonância com as resoluções normativas acerca da natureza das pesquisas envolvendo seres humanos), na qual os TILSP respondentes puderam trazer, de forma anônima, as suas perspectivas acerca do tema dos critérios de adoção de termos técnicos em suas atuações no Ensino Superior. Por fim, em 3.3, apresentamos e refletimos sobre a primeira parte do questionário, que trata do perfil dos TILSP respondentes.

Por fim, na seção de Análise, retomamos em 4.1 cada uma das perguntas do questionário que tratavam especificamente do tema da adoção de termos técnicos nas diferentes áreas do Ensino Superior, discutindo as implicações dos aspectos quantitativos e qualitativos que as respostas nos possibilitaram identificar. Em seguida, na seção 4.2, trouxemos a experiência da própria pesquisadora em relação às quatro principais estratégias de adoção de termos técnicos na Libras identificadas em sua experiência, a saber: a criação de sinais icônicos, a pesquisa na internet, a consulta à TILSP mais experientes e o uso da soletração manual. Buscamos ilustrar cada uma dessas estratégias a partir de experiências concretas da pesquisadora, que possivelmente dialogam com aquelas discutidas pelos TILSP respondentes.

Concluimos então o trabalho na seção 5 de Considerações Finais, relembando o objetivo do Trabalho de Conclusão de Curso e como eles foram respondidos, o aprendizado que o estudo proporcionou e as contribuições que esperamos que esse trabalho faça ao campo de tradução e interpretação de línguas de sinais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Historicamente, a linguística se desenvolveu tomando a escrita como principal tecnologia de documentação e análise. Pode-se dizer que sem a escrita, a própria linguística não existiria — e possivelmente até mesmo a ciência de modo geral. No campo de estudos da linguagem, os primeiros estudos linguísticos surgiram na antiguidade, com os estudos de Panini sobre a gramática do Sânscrito, língua proveniente da região que atualmente se localiza na Índia (Petter, 2002).

Durante muitos séculos, a tecnologia escrita continuou tendo um impacto crucial no estudo das línguas, pois é somente por meio de algum tipo de registro linguístico que as línguas humanas podem ser estudadas. Essa tecnologia da escrita, porém, acaba influenciando a visão social e científica sobre o fenômeno da linguagem. Por exemplo, Anderson (1983) afirma que a tecnologia da escrita impressa, que possibilitou a disseminação de textos padronizados por um largo território, contribuiu para a própria concepção de “nação”, o que ele considera ser uma “comunidade imaginada”, com uma suposta “língua” homogênea compartilhada. Assim, a tecnologia escrita pode ser considerada um dos fatores que contribuíram para que tivéssemos uma concepção estereotipada de que “cada país fale uma língua”.

Mais próximo ao século XIX, os estudos científicos da linguagem estiveram voltados principalmente aos estudos comparativos, em que as línguas escritas do mundo tinham as suas gramáticas contrastadas; aos estudos literários da literatura escrita; e aos estudos filológicos, interessados na validação de textos escritos antigos. Portanto, todos os estudos das línguas humanas estavam ligados ao estudo da escrita.

Essa perspectiva começou a mudar com os estudos de Saussure, que pela primeira vez destacou a primazia da fala em relação à escrita nos estudos linguísticos. Embora a metodologia de Saussure não estivesse voltada ao estudo de produções faladas, o autor destaca que os fenômenos linguísticos, tal como a constituição fonológica de uma palavra ou a mudança lexical por exemplo, não deveriam ser confundidos com os fenômenos da escrita (Saussure, 2006 [1916]). Mesmo assim, a perspectiva teórica do autor ainda pressupõe uma noção abstrata de sistema linguístico como algo homogêneo, supostamente compartilhado por “nações”, como

observamos ao ver referências no debate do signo arbitrário em “francês”, ou “alemão”, o que podemos considerar uma herança do impacto da escrita sobre nossa visão de língua, assim como Anderson (1983) argumenta.

Essa visão de língua como um sistema homogêneo mudou principalmente a partir da década de 1960, com o surgimento das novas tecnologias de registro da fala em áudio e vídeo. A partir dos registros da fala, os pesquisadores começaram a descobrir que, ao contrário do que se pensava, o que tradicionalmente se pensava ser “uma língua” na verdade envolvia um grande número de variedades linguísticas, que dependiam de diferentes fatores sociais: região onde se fala, a classe social, a idade, o gênero, a cultura, as áreas de trabalho, e inúmeros outros. Assim surgiu o campo da sociolinguística, que nos permitem estudar as variações que acontecem na língua. Isso só foi possível devido a tecnologia que nos permitiu registrar as variações que acontecem nas línguas no âmbito da fala. Um dos principais expoentes da sociolinguística foi o pesquisador William Labov (2007).

Para a sociolinguística, a definição de o que é uma “língua” e “qual língua é falada em determinada nação” é resultado muito mais de jogos de poder econômico, político e social do que uma definição propriamente linguística, pois trata-se de uma questão de prestígio linguístico. Há um esforço político para associar determinadas variedades da língua a conceitos como “nação” (Anderson, 1983), assim gerando uma sensação de uniformidade de “uma língua” que na verdade inclui um grande número de variações faladas por diferentes grupos e setores sociais. Nesse movimento político, línguas minoritizadas – como por exemplo a Libras e línguas de povos indígenas brasileiros – acabam muitas vezes não recebendo o valor social que deveriam, o que compromete os direitos linguísticos de todos aqueles que não falam a “língua da nação”.

2.2 O DESAFIO DA LACUNA TERMINOLÓGICA NA LIBRAS

Para compreender a questão do desafio que os surdos e os TILSP enfrentam em seu desenvolvimento em cursos de graduação, alguns conceitos sociolinguísticos são importantes. Primeiramente, é necessário entendermos o contexto de bilinguismo em que as pessoas surdas vivem, o que envolve tanto dimensões individuais – os diferentes tipos e níveis de competência que cada pessoa possui – quanto dimensões sociais – por exemplo, o fato de a Libras circular mais em algumas esferas da vida

social, ao passo que o português predomina em outras esferas. Vamos então abordar essas diferentes questões.

Dentro de uma comunidade linguística, as pessoas podem usar mais de uma língua e o bilinguismo é o uso de duas ou mais línguas por um indivíduo ou por uma comunidade. De acordo com McCleary (2009), o bilinguismo pode ser individual ou social. O bilinguismo social pode variar entre comunidades e entre indivíduos. Algumas pessoas assumem que um bilingue é alguém que fala duas línguas de modo correto, mas essa é apenas uma forma de bilinguismo, conhecida como bilinguismo equilibrado. Contudo, o bilinguismo na verdade inclui qualquer pessoa que use mais do que uma língua para se comunicar, mesmo que de forma mínima.

Desse modo podemos dizer que existem diferentes graus de bilinguismo individual, que vão desde bilingues equilibrados até bilingues precários e semibilingues. Além disso, uma pessoa pode demonstrar variação em sua capacidade de usar duas línguas dependendo da situação, da pessoa com quem fala, do tópico a ser discutido, pois como vimos acima na seção de sociolinguística, não é correto pensar em línguas como sistemas homogêneos, pois existem muitas variedades linguísticas de acordo com diferentes fatores sociais.

Pensando no caso da comunidade surda, podemos dizer que são comunidades bilíngues porque os surdos sempre nascem no meio de sociedades ouvintes que utilizam uma língua oral. Os surdos então aprendem a língua de sinais de sua localidade, às vezes precocemente, mas na maioria das vezes tardiamente porque não têm oportunidade de conhecer outras pessoas surdas em sua infância (McCleary, 2008: p. 673-676). Como consequência, cada indivíduo surdo apresenta um grau de proficiência diferente tanto na Libras quanto no português. Em geral, os surdos bilingues equilibrados são aqueles que nascem em famílias de surdos e que podem adquirir uma língua de sinais naturalmente desde a infância, o que facilita a sua aquisição do português como segunda língua.

Além disso, podemos dizer que o bilinguismo dos surdos tradicionalmente se aproxima de uma diglossia (Ferguson, 1959), embora isso recentemente esteja mudando em alguns meios. Esse conceito de diglossia foi criado para descrever sociedades em que algumas pessoas utilizam uma certa variedade de língua em seu cotidiano mais informal, como na família e entre amigos, e usam uma outra variedade de língua completamente diferente em contextos formais, como em contextos religiosos, educacionais e legais, não sendo possível intercambiar esses usos. No

caso dos surdos, por exemplo, tradicionalmente a Libras circulava apenas nos ambientes mais informais e cotidianos, nas rodas de conversas entre surdos; enquanto isso, nos ambientes mais institucionalizados, apenas o português era utilizado. Por esse motivo, por muito tempo os surdos foram segregados de espaços religiosos, educacionais, legais, políticos, entre outros.

A sociolinguística reconhece que quanto mais usamos a língua, mais ela tende a crescer, por isso a circulação restrita de uma língua em determinados meios sociais impacta o desenvolvimento de seu vocabulário. Nenhuma língua é pior ou melhor do que outra (Bagno, 1999), mas é possível que algumas línguas tenham, por exemplo, um vocabulário muito mais vasto do que outras, pelo fato de seus falantes utilizarem essas línguas em um número mais diversificado de contextos sociais. Por exemplo, o inglês é a língua que tem o maior vocabulário do mundo, porque é a língua utilizada mundialmente como língua franca. Assim, novas palavras são criadas a todo momento em todos os cantos do mundo.

No caso dos surdos, então, é natural que o fato de a Libras não ter circulação em diversos meios impacta a extensão do seu vocabulário. Por vezes a Libras se viu excluída de muitos espaços apenas pelo preconceito contra o modo de comunicação dos surdos. Mas também há muitos casos em que essa exclusão ocorreu por motivos tecnológicos, isto é, porque a Libras historicamente não tinha um sistema de escrita consolidado, e o português escrito é a língua oficial do país — o que é reafirmado inclusive na Lei n. 10.436, que afirma que a Libras não pode substituir o português escrito. Assim, todas as áreas que têm forte relação com a escrita, principalmente a escrita formal e técnica, historicamente esteve restrita apenas ao português.

A mudança lexical precisa acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico, ofertando assim mais opções para falantes de uma língua. Esse fenômeno ocorre de forma natural em todas as línguas, embora não seja uma mudança tranquila. No caso dos surdos, desde a promulgação da Lei n. 10.436 de 2002 e do Decreto n. 5.626 de 2005 que a regulamenta, a garantia de acessibilidade dos surdos principalmente aos serviços de educação e saúde entre outros contextos sociais trouxe grandes pressões para o processo de mudança lexical na Libras. Em questão de poucas décadas, os surdos brasileiros e a sua língua, a Libras, passaram a circular em ambientes onde antes apenas o português circulava.

Um exemplo é o ingresso de surdos nos diferentes cursos de graduação e pós-graduação do Ensino Superior. O vocabulário utilizado nas diferentes áreas

técnicas é vasto e foi construído ao longo de séculos na língua portuguesa, em contato com muitas outras línguas como o latim e o grego na antiguidade, e o francês e o inglês nos tempos modernos, apenas para citar alguns exemplos. Quando os alunos surdos chegam aos cursos de graduação, assim como os TILSP, eles são surpreendidos com esses vocabulários técnicos que são padronizados na área, isto é, terminologias, termos que se diferem das palavras do cotidiano porque tem uma definição precisa e não podem ter ambiguidade (Ferreira *et al.*, 2024). Mas quando se torna necessário discutir esses assuntos técnicos na Libras, carecemos desses vocabulários, o que torna necessário estratégias para adoção de novos léxicos. Isso pode ser feito por meio de neologismos ou empréstimos.






O neologismo é o conceito sociolinguístico que usamos para explicar o processo de criação de uma nova palavra ou sinal. Muitas palavras são formadas dentro da própria cultura e língua. Nós podemos significar algo novo usando termos que já existem dentro da língua, ou podemos criar uma palavra que ainda não existe para expressar algo novo. Existem três formas para o processo de criação de novas palavras: a primeira é aproveitar e recombinar formas e palavras já existentes, usando outras partes morfológicas como prefixos, sufixos e raízes de outras palavras; um segundo modo é atribuir um novo significado a um termo que já existe, o que no caso de campos técnicos envolve restringir o significado da palavra a uma única definição que não pode ter ambiguidade; e a terceira forma é por criar neologismos, juntando um novo sentido a uma nova forma criada.

Esses processos podem ser ilustrados pelos seguintes casos: no primeiro, o sinal para designar “Letras Libras” envolveu a primeira estratégia, combinando parte da forma do sinal que designa a área de estudo conhecida como “Letras” com parte da forma do sinal que designa as “línguas de sinais” faladas pelas comunidades surdas, formando o sinal que designa a área e os cursos de “Letras Libras” (Figura 1a). No segundo, na área da morfologia, o sinal que designa “palavra”, ou em alguns contextos inclusive um “sinal” da Libras, envolve a mesma forma que o sinal que se refere à “palavra” no cotidiano da comunidade surda (Figura 1b), porém na área da morfologia esse sinal é usado em um sentido técnico com critérios definidos dentro desse campo (Figueiredo Silva, 2009). No terceiro, podemos citar a criação de um termo técnico totalmente novo, que não reutiliza nenhuma forma prévia da Libras, como por exemplo o sinal para o termo “signo linguístico”, que foi criado iconicamente

a partir da explicação sobre a relação entre o significante e significado do signo como inseparáveis (Figura 1c).

Muitas novas palavras, porém, não nascem dentro de uma língua, mas vem de outras línguas por meio de empréstimos. Exemplificando novamente com a língua inglesa, seu idioma possui um vasto vocabulário também devido ao empréstimo de outras línguas com as quais teve contato, como por exemplo o contato com o francês.

Figura 1 - Neologismos criados na Libras no campo da linguística.




Criação de termos técnicos na linguística	Formas já existentes	Neologismos
a. "Letras Libras"		
b. "Palavra" (na morfologia)		
c. "Signo linguístico"		

Fonte: elaborada pela autora

Quando um empréstimo de uma língua para outra é feito, ele acaba sofrendo modificações tanto na forma quanto no significado. Isso acontece quando uma palavra falada por pessoas de uma língua A começa a ser usada por falantes de uma língua B, pois esses falantes não irão ter uma pronúncia semelhante à dos nativos, assim acontecerá uma adaptação da pronúncia para a língua B. Nesse processo, as palavras emprestadas sofrem mudanças, perdendo suas características de origem e se adequam ao idioma de destino.

No caso das línguas de sinais, elas podem fazer empréstimos de outras línguas de sinais, ou também de línguas orais, embora nesse caso sofrendo maiores restrições devido à diferença de modalidade (Ferreira Brito, 1995). O meio mais dominante em que as línguas de sinais podem sofrer influência das línguas orais é através da datilologia (a soletração manual de uma palavra utilizando os sinais que correspondem ao alfabeto manual) e da inicialização (o uso de uma letra de alfabeto manual como parte da configuração de mão de um sinal para associar um sinal e uma palavra), para assim suprir a falta de sinais que representem conceitos na língua portuguesa. A Libras tem seus próprios mecanismos para modificar as palavras e adequá-las ao seu sistema fonológico. Embora isso ocorra, muitos surdos não veem com bons olhos a influência de uma língua oral sobre uma língua sinalizada — uma atitude que na sociolinguística é chamada de “purismo linguístico”.

Figura 2 - Exemplo de empréstimo por soletração manual e por inicialização.

Empréstimos	Português	Libras
Soletração manual	“nunca”	 (N-U-N)
Inicialização	“professor”	 (letra “P”)
	“instrutor”	 (letra “I”)

Fonte: elaborada pela autora (Imagens do dicionário online do INES)¹

Em resumo, vimos nesta seção que os surdos vivem em uma situação de bilinguismo e diglossia, em que a Libras apresentou historicamente pouca circulação

¹ O dicionário do INES pode ser acessado em: https://www.acessibilidadebrasil.org.br/Libras_3/.

em ambientes formais e institucionais, como por exemplo pude vivenciar em minha experiência com as áreas científicas e tecnológicas do Ensino Superior. Como consequência, a Libras carece de vocabulário para tratar dessas áreas técnicas. Com o crescente ingresso de surdos nos cursos de graduação e pós-graduação nos últimos anos, isso trouxe grandes desafios tanto para os alunos surdos quanto para os TILSP que tem por função promover a acessibilidade desses alunos à Educação Superior. A sociolinguística descreve, então, processos de mudança lexical relacionados a neologismos e empréstimos que devem ser observados no cotidiano dos TISLP, já que a necessidade de criação de termos técnicos é necessária e urgente.

2.3 A ICONICIDADE DOS SINAIS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Desde Saussure, um dos pilares da linguística moderna é o conceito de arbitrariedade do signo. Segundo esse conceito, os signos linguísticos são caracterizados pela arbitrariedade, isto é, não existe nenhuma relação de motivação entre o significante e o significado. Saussure faz essa argumentação comparando palavras de diversas línguas e mostrando que um conceito é representado em uma língua utilizando um determinado significante, como por exemplo “cachorro” no português, que no inglês é expresso pelo significante “dog”. Desse modo, não tem nenhuma razão para o conceito ser representado por um ou outro significante, isto é, eles não são motivados.




Porém, no caso das línguas de sinais, é muito evidente que muitos sinais têm uma motivação icônica. Por exemplo, pensando nos três sinais da

Figura 3 abaixo. O sinal em 3a, que pode significar o veículo “carro”, o “ato de dirigir algum veículo” ou “ir a algum lugar de carro”, por exemplo, tem uma configuração, movimento e localização que é simular à ação de segurar no volante. O sinal em 3b, que pode significar o “ato de ouvir” ou “uma pessoa que ouve”, tem uma configuração, movimento e localização que representa a ideia (metafórica) de “pegar com as mãos os sons” na região do ouvido. O sinal em 3c, que significa um “indivíduo do sexo masculino”, como um homem ou um menino, ou mesmo o “sexo masculino” de um animal, é feito com uma configuração, movimento e localização como se representassem o formato da barba de um homem. Esses são apenas alguns exemplos que mostram o fato de que muitos sinais apresentam características

icônicas e que a iconicidade é um importante princípio de formação de sinais na Libras.




É verdade que também existem sinais que são arbitrários, como os sinais da Figura 4. Por exemplo, o sinal em 4a, que significa “banheiro” ou “fazer xixi” é difícil de entender a sua motivação, porque não conseguimos ver a relação icônica entre a forma do sinal e o conceito. A mesma coisa acontece com sinais como em 4b, que significa “evitar algo que pode não ser benéfico” e 4c, um sinal polissêmico com acepções como “tolerar”, “estar de saco cheio”, “estar apertado para aliviar alguma necessidade física”. Quando olhamos a forma desses sinais, é difícil entender qual seria a motivação para os conceitos terem esse significante.

Figura 3 - Exemplos de sinais icônicos na Libras.

<p>a. </p>	<p>b. </p>	<p>c. </p>
<p>Sinal que significa “carro”, “dirigir”, “ir a algum lugar dirigindo”</p>	<p>Sinal que significa “ouvir” ou “uma pessoa que ouve”</p>	<p>Sinal que significa um “ser humano ou animal do sexo masculino”</p>

Fonte: elaborada pela autora (Imagens do dicionário online do INES)

Figura 4 - Exemplos de sinais cuja motivação é opaca.

<p>a. </p>	<p>b. </p>	<p>c. </p>
<p>Sinal que significa “banheiro” ou “fazer xixi”</p>	<p>Sinal que significa “evitar fazer alguma coisa que pode não ser benéfica”</p>	<p>Sinal que significa um “suportar”, “tolerar”, “estar de saco cheio”, “estar apertado para aliviar alguma necessidade física”</p>




Fonte: elaborada pela autora (Imagens do dicionário online do INES)

Mas então qual seria a característica principal dos sinais, a arbitrariedade ou iconicidade? Alguns estudos como Klima e Bellugi (1979) mostram que não são

conceitos opostos, pois os sinais nascem com uma motivação icônica, porém ao longo do tempo eles vão se tornando mais arbitrários, pois a sua forma pode mudar por questões de economia linguística, de fazer o sinal de modo mais simplificado e eficiente, ou restrições das línguas de sinais como deixar o rosto visível, por exemplo (Diniz, 2010). Assim, ao longo do tempo os sinais podem mudar a sua forma e não ser mais possível perceber qual era a sua motivação.

Contudo, se observarmos a criação de novos sinais, fica evidente que a iconicidade é o princípio formador dos sinais e neologismos da Libras. Por exemplo, no Curso de Letras Libras EaD, em 2006, foram criados muitos neologismos. O sinal para designar o “ambiente virtual de aprendizagem”, que era o Moodle adaptado ao curso na ocasião (Figura 5a) tem a mão esquerda em configuração de “L”, como representando a tela do computador, e a outra mão realiza um sinal que designa tanto uma “área física”, uma “região do espaço”, quanto metaforicamente, por exemplo, um “campo de atuação” (Figura 5b), e nesse caso o sinal iconicamente representa a região da tela do computador onde o ambiente virtual de aprendizagem estava contido. Outros neologismos da linguística, que era a principal área de estudo do curso, também mostram iconicidade, como o sinal para o nível de análise linguística da morfologia (Figura 5c), que envolve um sinal PALAVRA permanece fixo no espaço, enquanto outro sinal PALAVRA se movimenta circularmente ao seu lado, iconicamente representando a alternância paradigmática de sufixos. Na verdade, seria muito estranho os falantes de uma língua criarem sinais arbitrários, isto é, que não tem nenhuma relação com o conteúdo.

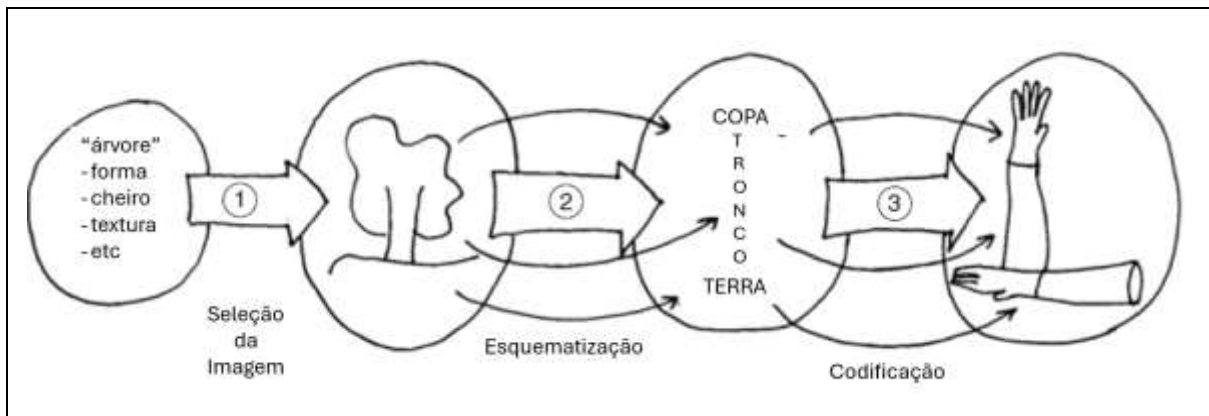
Figura 5 - Neologismos icônicos na área de Letras Libras.

 <p>a.</p>	 <p>b.</p>	 <p>c.</p>
<p>Sinal que significa “ambiente virtual de aprendizagem”, adotado no Curso de Letras Libras</p>	<p>Sinal que significa uma “área física”, um “espaço”, ou um “campo de atuação”</p>	<p>Sinal que significa o conceito técnico de “morfologia”, nos estudos linguísticos</p>

Fonte: elaborada pela autora

Nesse sentido, Taub (2001) argumenta que as línguas de sinais têm essa preferência pela iconicidade como princípio não apenas de formação dos sinais, mas até mesmo da gramática, do uso do espaço, entre outros aspectos. No nível dos sinais, Taub propõe um modelo de criação de sinais que ela chamada de modelo de criação de análogos, e que ela diz que envolve três processos: a seleção de traços visuais ou da experiência (dentre vários possíveis, como formas, cheiros, texturas, etc) para serem representados pelo significante do sinal; a esquematização desses traços, deixando-os mais simplificados pelas configurações de mão e movimento; e a codificação do conceito usando as configurações de mão que são próprias de cada língua de sinais. Ela dá o exemplo abaixo sobre o sinal da ASL que é igual ao sinal usado para designar “árvore”, “meio ambiente”, ou “natureza” na Libras.

Figura 6 - Processos implícitos na criação de sinais icônicos



Fonte: adaptada de Taub (2001, p. 44)

Assim, quando analisamos os neologismos na Libras, isto é, a criação de sinais para áreas científicas, os termos técnicos, um tema que consideramos relevantes são os critérios para a criação desse neologismo. Vimos na seção anterior que os neologismos podem ser feitos utilizando empréstimos de línguas orais, com soletração manual ou sinais inicializados, aproveitando a primeira letra das palavras da língua oral correspondente. Porém, observando que a iconicidade é um princípio formador dos sinais das línguas de sinais, parece mais adequado que os sinais criados explorem a iconicidade dos sinais. Isso tornaria os conceitos muito mais acessíveis para os surdos do que criar sinais arbitrários em que não existe nenhuma relação entre o significante e o significado. Não é só porque as línguas orais têm essa

característica da arbitrariedade dos termos técnicos — por exemplo, não há motivo por que o conceito de “software” seja formado por esses sons nessa sequência — que as línguas de sinais também precisem ser arbitrárias. As línguas de sinais são línguas visuais, utilizam o espaço, e as mãos têm grande potencial de representar visualmente aspectos da experiência. Assim, na análise, trago exemplos de criação de neologismos icônicos em minha experiência como intérprete para ilustrar essa reflexão teórica.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM DE PESQUISA

Para realizar essa pesquisa, utilizaremos uma abordagem que envolve levantamento de dados e análise tanto do tipo quantitativo quanto qualitativo. Contudo, tendo em vista que os dados gerados são restritos a 28 participantes respondentes, é importante esclarecer que se trata de um trabalho de caráter exploratório, cujo objetivo principal é levantar hipóteses e reflexões e não apresentar respostas conclusivas.

Como afirma Gil (2002, p. 41), em relação às pesquisas com essa natureza exploratória, afirma-se que:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Silveira; Córdova, 2009). Desse modo, ao analisar os dados, vamos buscar identificar possíveis causas para os fatos observados, inferir relações entre eles e refletir sobre suas implicações para o campo de tradução e interpretação de línguas de sinais.

Em relação à dimensão quantitativa, ela será bastante simplificada. As quantificações aparecerão na forma de percentuais de respostas, e elas já são apresentadas diretamente pelo formulário do google que foi utilizado de base para o levantamento de dados. Em alguns casos, de perguntas abertas, por vezes nós fizemos um agrupamento das respostas e oferecemos uma quantificação absoluta, em termos de ocorrências, como será mostrado nas considerações sobre o método de análise dos dados.

3.2 CRIAÇÃO E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Tanto o aspecto qualitativo quanto o quantitativo da pesquisa serão explorados a partir de dados levantados por meio de um formulário do *GoogleForms*, criado pela pesquisadora em colaboração com o orientador da pesquisa.² A resposta ao formulário foi feita de maneira anônima, não fazendo registro de nome, e-mail ou qualquer outra informação que possibilitasse a identificação do respondente, tal como preconiza a Resolução CNS n. 510 de 216, em seu artigo 2º, XIV, no que diz respeito à “pesquisa de opinião pública”:

Art. 2º, XIV [...] consulta verbal ou escrita de caráter pontual, realizada por meio de metodologia específica, através da qual o participante, é convidado a expressar sua preferência, avaliação ou o sentido que atribui a temas, atuação de pessoas e organizações, ou a produtos e serviços; *sem possibilidade de identificação do participante* (grifos nossos).

O questionário está dividido em duas partes. Em uma primeira parte, nosso objetivo era o de conhecer o perfil dos TILSP respondentes, de modo a traçar um perfil social geral. Essa primeira parte foi formada pelas seguintes questões:

- 1) Idade;
- 2) Gênero;
- 3) Escolaridade;
- 4) Área de formação;
- 5) Idade em que iniciou a aprendizagem da Libras;
- 6) Como você avalia a sua proficiência no português? (alternativas envolve as quatro modalidades de produção, compreensão, leitura e escrita, desde nível iniciante até avançado);
- 7) Como você avalia a sua proficiência na Libras? (alternativas envolve as quatro modalidades de produção, compreensão, leitura e escrita, desde nível iniciante até avançado);
- 8) Há quanto tempo você atua profissionalmente como intérprete de Libras? (alternativas vão desde menos do que um ano até mais do que dez anos de experiência).

Em uma segunda parte, nosso objetivo era o de levantar questões especificamente relacionadas ao tema que nos interessa, relativo à necessidade de

² O formulário pode ser acessado no seguinte endereço: <https://forms.gle/VMeWG7t2hmEiJBNh8>.

adoção de termos técnicos na Libras para interpretação em diferentes áreas do conhecimento. Essa segunda parte do questionário foi formada pelas seguintes questões:

- 9) Quais gêneros você se sente competente para interpretar ou traduzir? (diversas alternativas foram oferecidas);
- 10) Considerando o vocabulário de termos técnicos da Libras nas grandes áreas da ciência (humanas, exatas e biológicas), assinale (as alternativas vão desde a completa ausência até um repertório completo de termos);
- 11) Nomeie os três principais cursos de ensino superior nos quais você já atuou ou atua;
- 12) Em relação à disponibilidade de termos técnicos em Libras nos principais cursos em que você atuou, assinale (as alternativas vão desde a completa ausência de termos técnicos até um repertório completo de termos técnicos);
- 13) A quais razões você atribui a maior ou menor quantidade de termos técnicos em Libras nas áreas em que você atua (Curso 1, Curso 2 e Curso 3);
- 14) Quando você NÃO dispõe de um termo técnico em Libras em algum dos cursos em que atua, quais estratégias você tem adotado? (as alternativas envolvem soletração manual, pesquisa na internet, contato com outros TILSP, criação de novo sinal ou outra);
- 15) Em relação à PREFERÊNCIA por cada uma das estratégias adotadas, assinale (as alternativas buscam identificar se surdos, TILSP ou o respondente em particular tem preferência por uma estratégia);
- 16) Ainda em relação à PREFERÊNCIA por cada uma das estratégias, apresente os principais motivos para você, ou a maioria dos TILSP, ou a maioria dos alunos surdos preferirem uma dentre as demais estratégias (resposta discursiva);
- 17) Em relação à EFICÁCIA de cada estratégia adotada, diga como você a definiria;
- 18) Em relação à solução de SOLETRAR MANUALMENTE o conceito, comente (resposta discursiva):

- a) em que condições você acha essa estratégia adequada?
 - b) quais são as vantagens e desvantagens que você percebe nela?
- 19) Caso você adote a solução de PESQUISAR NA INTERNET, especifique (resposta discursiva):
- a) em que sites ou canais você pesquisa?
 - b) qual é o seu critério para confiabilidade do site ou canal?
- 20) Caso você adote a solução de FAZER CONTATO COM OUTROS TILSP, especifique (resposta discursiva):
- a) a quem você costuma recorrer?
 - b) qual é o seu critério para confiabilidade na informação dada pelo colega?
- 21) Caso você adote a estratégia de CRIAR NOVOS SINAIS, especifique (resposta discursiva):
- a) você cria o sinal sozinho ou junto com o aluno surdo?
 - b) quais são os seus critérios para criação de um sinal?

Como pode ser visto, o principal foco das perguntas envolve identificar as áreas de atuação sobre as quais os TILSP estão respondendo, pois não é possível discutir a carência ou existência de termos técnicos no geral, sem considerar as áreas específicas. Além disso, as principais estratégias de adoção de termos técnicos mencionadas foram aquelas que a própria pesquisadora identificou em sua experiência: soletração manual, pesquisa na internet, consulta a outros TILSP e criação de novos sinais, deixando em aberto caso haja alguma alternativa que não foi prevista.

O questionário foi compartilhado com TILSP que atuam na área educacional, procurando abordar como eles solucionam problemas de tradução com jargões técnicos. O critério de seleção dos TILSP foi o de serem profissionais que atuam no ensino superior, incluindo o curso de Bacharelado em Letras Libras da UFSC.

3.3 PERFIL DOS TILSP PARTICIPANTES

Nesta seção, descreveremos o perfil dos TILSP que responderam ao questionário proposto pela pesquisadora. Ao todo, foram 28 os intérpretes

respondentes e uma síntese quantitativa bem como uma reflexão qualitativa sobre o seu perfil é apresentado nos gráficos a seguir.

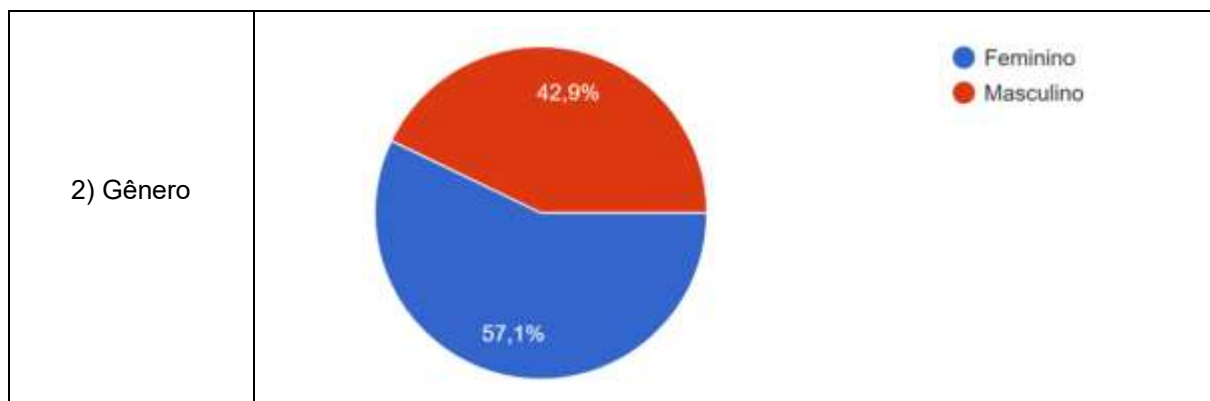
Gráfico 1 - Perfil etário dos TILSP respondentes.



Fonte: elaborada pela autora

Observando o Gráfico 1, nota-se que cerca de 70% (42,9% + 28,6%) estão em uma faixa etária entre 20 e 40 anos de idade e cerca de 30% acima de 40 anos. Nesse sentido, podemos trazer a hipótese de que a maioria dos TILSP que atuam nos dias atuais começou a trabalhar nessa área motivados pela promulgação das já mencionadas legislações referentes à Libras em 2002 e 2005 e do primeiro Curso de Bacharelado em Letras Libras de 2006, o que ocorreu a quase 20 anos atrás.

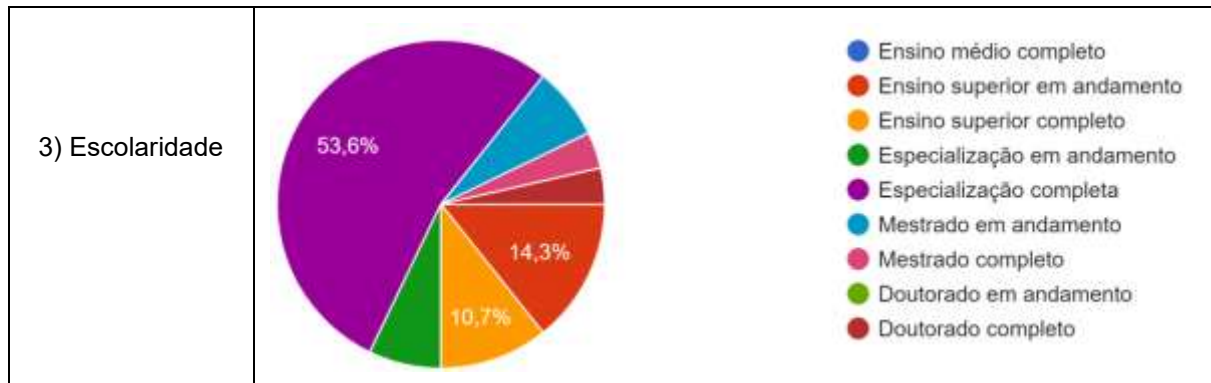
Gráfico 2 - Perfil de gênero dos TILSP respondentes.



Fonte: elaborada pela autora

Em relação ao gênero dos intérpretes, há um relativo equilíbrio entre homens e mulheres (Gráfico 2).

Gráfico 3 - Perfil de escolaridade dos TILSP respondentes.



Fonte: elaborada pela autora

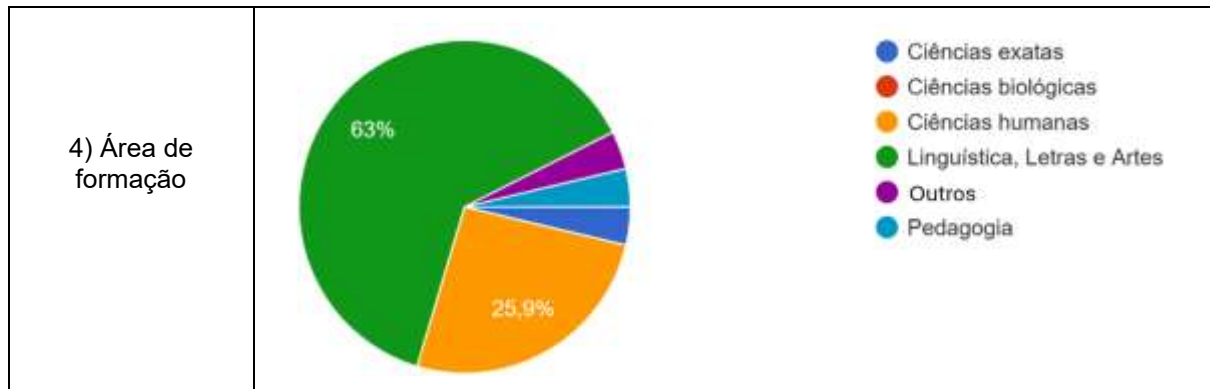
Em relação à escolaridade (Gráfico 3), uma primeira observação relevante é a de que cerca de 85% dos TILSP atuantes possuem ensino superior — e os 14,3% restantes, embora não formados nesse nível de atuação, já estão com curso superior em andamento. Isso poderia parecer óbvio, já que eles atuam como intérpretes de Ensino Superior, mas não é. Sabemos que no Brasil muitos intérpretes com formação no Ensino Médio atuaram ou atuam em instituições de Ensino Superior, inclusive intérpretes concursados em instituições públicas de ensino – como se dá na própria UFSC, que ingressaram por meio de um cargo público (hoje extinto) intitulado “Tradutor e intérprete de linguagem de sinais”. Por isso, o fato de todos os respondentes serem formados em Ensino Superior reflete um avanço na área.

Além disso, não apenas os TILSP são formados em Ensino Superior, como mais de 50% possuem curso de pós-graduação *latu sensu*, isto é, especialização completa. Isso também é um dado interessante, pois mostra não apenas que continuam buscando aprimorar a sua formação após o ensino superior, mas também que especializações *latu sensu* tem sido um campo de interesse para essa área de trabalho. Seria interessante, a partir desse dado, saber se os cursos de especialização são todos voltados à formação de intérpretes, mas essa pergunta não foi feita.

É também relevante apontar que cerca de 35% dos intérpretes estão em processo de formação ou já se formaram em programas *stricto sensu*, isto é, de mestrados e doutorado. É também um percentual significativo em um campo profissional, mostrando que os TILSP estão buscando se qualificar cada vez mais. Nesse caso, também, seria interessante futuramente dar continuidade a essa

pesquisa e verificar em quais áreas os cursos de pós-graduação de mestrado e doutorado tem sido buscado.

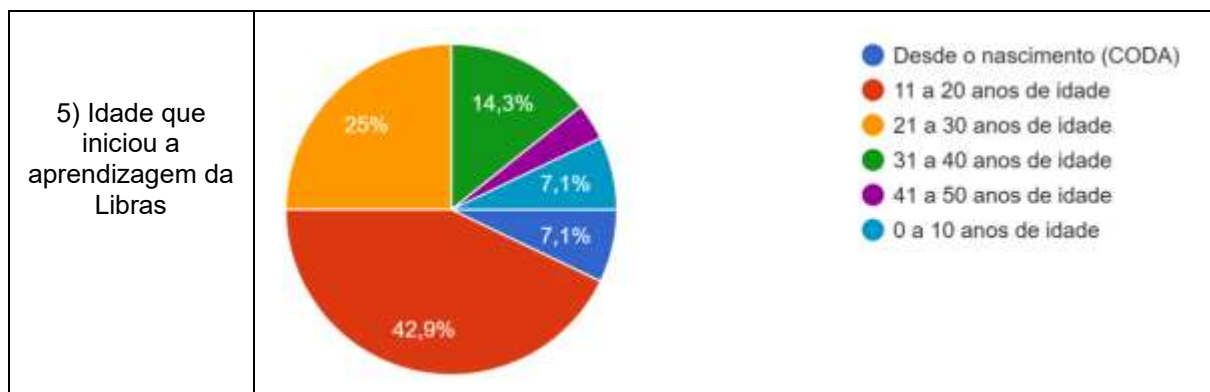
Gráfico 4 - Áreas de formação dos TILSP respondentes.



Fonte: elaborada pela autora

Ao observarmos as áreas de formação dos TILSP (Gráfico 4), os resultados encontrados foram os esperados. Tendo em vista que o trabalho de tradutor e intérprete se insere no campo das Letras, é de se esperar que 63% sejam do campo da Linguística, Letras e Artes, e que 25,9% sejam das ciências humanas, que são um campo afim às Letras. As áreas exatas e biológicas são uma pequena parte, o que também não surpreende considerando o perfil da profissão. Contudo, poderíamos esperar que houvesse mais intérpretes formados em pedagogia, tendo em vista que a área de educação de surdos tem grande importância nesse campo de atuação, mas o percentual de pedagogos foi pequeno.

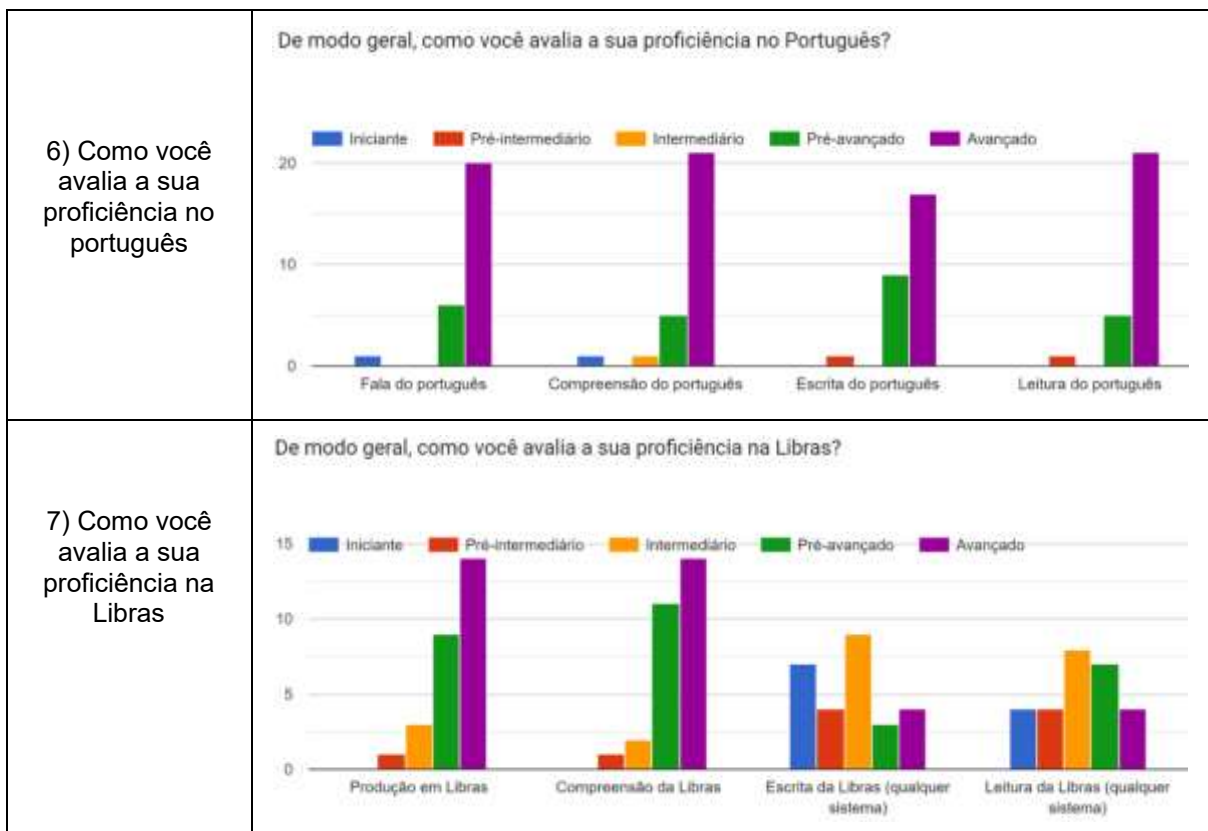
Gráfico 5 - Idade em que os TILSP respondentes começaram a aprender Libras.



Fonte: elaborada pela autora

Em relação à idade em que iniciaram a aprendizagem da Libras (Gráfico 5), observamos que quase 70% iniciaram a aprendizagem antes dos 30 anos e apenas cerca de 15% iniciaram a aprendizagem entre 31 e 50 anos. Os resultados mostram ainda uma tendência de CODAs, no caso 7% (2 respondentes), terem afinidade com a profissão de TILSP, já que desde a infância estão completamente imersos em ambientes bilíngues (Libras e português) e biculturais (surdos e ouvintes). Além disso, outro dado de interesse é que 7% (2 respondentes) não são CODAs, mas iniciaram a aprendizagem de Libras antes de dez anos de idade e isso desperta a curiosidade sobre quais foram as circunstâncias que possibilitaram esse contato precoce com a língua por parte de pessoas ouvintes.

Gráfico 6 - Como os TILSP respondentes avaliam a sua proficiência linguística.



Fonte: elaborada pela autora

Quando analisamos a autopercepção dos TILSP em relação à sua proficiência nas duas línguas com as quais atuam, a Libras e o português (Gráfico 6), observamos que os intérpretes consideram a sua proficiência no português significativamente mais

avançada no português (pergunta 6, faixa roxa nas colunas) do que na Libras (pergunta 7, faixa roxa nas colunas).³ Contudo, cabe destacar que os dois últimos gráficos da direita da pergunta 7 se referem à leitura e escrita de algum sistema de escrita de sinais, o que de fato é incomum ainda, tendo em vista que esses sistemas de escrita não são consolidados no cotidiano da comunidade surda. Assim, é de se esperar que os TILSP se considerem mais proficientes na produção e na compreensão da Libras (pergunta 7, primeiros dois gráficos) do que na leitura e escrita da Libras (pergunta 7, terceiro e quarto gráficos).

Percebemos ainda que os TILSP têm uma autopercepção da Libras “pré-avançado” significativamente maior do que a do português. Os gráficos da pergunta 6 mostram que há uma discrepância grande entre a autopercepção do português “pré-avançado” (colunas verdes) e “avançados” (colunas roxas), quando comparado com a Libras, em que há um maior equilíbrio entre essas colunas. Assim, os TILSP de fato percebem que há uma necessidade de aprimorarem a sua proficiência na Libras, o que é natural considerando que para a grande maioria deles é a sua segunda língua — com exceção dos TILSP que se declararam CODAs.

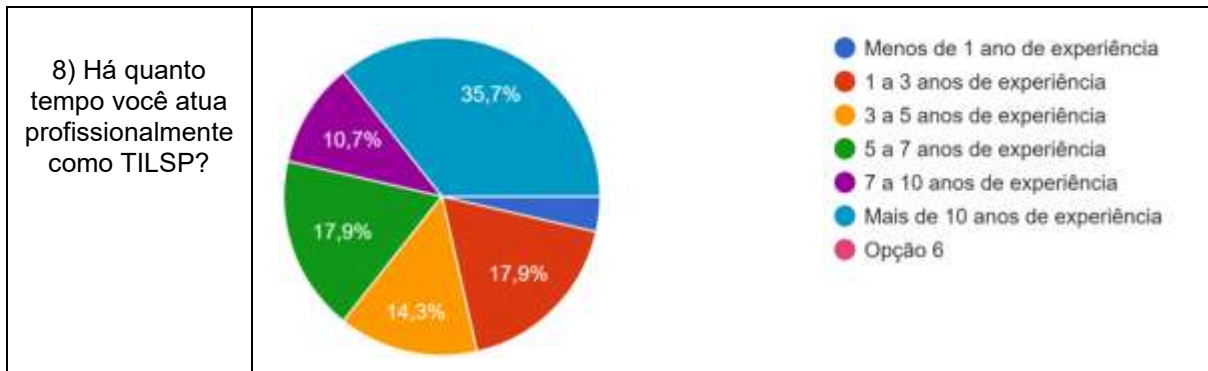
Alguns dados curiosos, porém, podem ser encontrados. O que explicaria alguns TILSP se considerarem iniciantes na fala e na compreensão do português (pergunta 6, coluna azul)? Também surpreende que alguns se autoavaliaram como nível “pré-intermediário” na leitura e escrita do português (pergunta 6, coluna vermelha), pois embora a leitura e escrita do português seja de fato desafiadora para falantes do português, poderíamos esperar que para TILSP que atuam no Ensino Superior isso não aconteceria.

A última questão diz respeito ao tempo de atuação profissional dos TILSP (Gráfico 7). O gráfico abaixo mostra que a grande maioria dos TILSP tem mais de dez anos de experiência, isto é, é possível que sejam intérpretes que atuaram justamente na transição do processo de regulamentação da profissão mencionado acima, após a promulgação das legislações referentes à Libras que tanto impactaram a área. É possível que sejam intérpretes que já atuavam antes disso, e que foram profissionalizados nessa década, mas para isso, o ideal é que a pergunta tivesse

³ Importante observar que a escala do gráfico da pergunta 6 vai de 0 a 20 e da pergunta 7 de 0 a 15. Isso prejudica a comparação entre os gráficos. Um modo de torná-los melhor comparáveis é de pensar que, se na pergunta 7 o gráfico mantivesse a escala 0 a 20, as colunas todas seriam de menor tamanho, comparado ao que é. Por isso fica mais evidente a autopercepção dos TILSP de maior proficiência do português do que da Libras.

discriminado entre as alternativas a opção “Mais de 20 anos de experiência”, pois isso daria certeza em relação a essa afirmação.

Gráfico 7 - Tempo de atuação profissional dos TILSP respondentes.



De qualquer modo, é interessante observar que de fato, a maioria dos TILSP respondentes (65%) atuam no período de um a dez anos de profissão, o que significa que no mínimo iniciaram a sua profissão em 2014. Assim, a grande maioria dos TILSP são um resultado do movimento recente de formação e regulamentação dessa profissão, após o momento histórico que marcou a década de 2000-2010 e impactou toda a educação de surdos no Brasil.

Desse modo, nesta seção discutimos e refletimos sobre o perfil dos 28 intérpretes respondentes ao questionário que propusemos. Na seção a seguir, serão feitas reflexões considerando as respostas dos TILSP referentes às questões propostas que estão especificamente relacionadas ao tema da adoção de termos técnicos em diferentes áreas especializadas do Ensino Superior. Assim como nesta seção, cada uma das respostas será analisada considerando tanto aspectos quantitativos quanto qualitativas das respostas.

4 ANÁLISE

4.1 EXPERIÊNCIA DOS TILSP RESPONDENTES

Nesta seção vamos então analisar as respostas referentes ao assunto específico que nos interessa na pesquisa, que diz respeito às habilidades tradutórias dos TILSP, de modo geral, e ao modo como eles solucionam o problema de não possuir vocabulário técnico em suas áreas de atuação. Iniciamos com uma pergunta geral referente aos gêneros textuais com os quais eles se sentem mais confortáveis em interpretar.

Gráfico 8 - Gêneros textuais nos quais os TILSP se sentem seguros.



Fonte: elaborada pela autora

Em relação aos gêneros textuais que os TILSP se consideram mais aptos a interpretar (Gráfico 8), os tipos de texto considerados mais acessíveis, não por acaso, são textos no âmbito educacional (96,4%), que envolvem materiais didáticos, provas, atividades de sala, entre outros. Isso não é surpresa pois o perfil dos respondentes era justamente o de profissionais que atuam no Ensino Superior, portanto na área educacional. Também não surpreende que textos administrativos (75%), informativos (71,4%) e acadêmicos (64,3%) sejam bem representativos, pois são textos com função referencial (Martelotta, 2008), similar a dos textos educacionais.

Textos mais relacionados à função subjetiva, focada no emissor, tais como a literatura (35,7%), música (28,6%) e cinematográficos (28,6%) são significativamente mais desafiadores para os TILSP e de fato, quando observamos o perfil da formação dos alunos em bacharelado de Letras Libras, vemos que esse tipo de texto não é tão predominante em sua formação. Mais desafiador ainda são os textos especializados, como esportes e jurídicos (3,6%), que ainda hoje são bem pouco trabalhados nas formações na área.

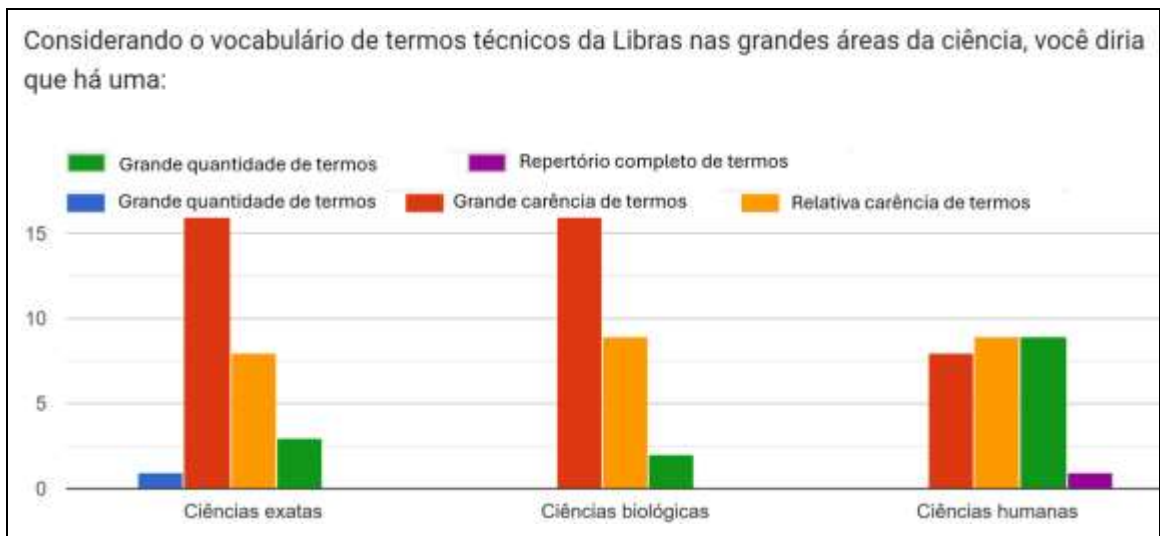
Um dado interessante diz respeito aos textos religiosos, considerados textos sensíveis (Lung, 2003), pois receberam uma representatividade de 50% nas respostas, o que poderia surpreender. Contudo, podemos compreender melhor esse dado quando consideramos que os primeiros TILSP do Brasil tiveram a origem da profissão em contextos religiosos (Assis Silva, 2012), e ainda hoje muitos TILSP tem essa conexão com o contexto religioso, pois a atividade de interpretação se relaciona diretamente com a atividade missionária das igrejas e religiões.

Outra observação de interesse são os textos publicitários, que foram assinalados por 67,9% dos respondentes. Entendemos que esse dado reflita um dos nichos mais fortes do mercado de trabalho que hoje estão mais acessíveis aos TILSP, pois temos por um lado legislações que obrigam que, por exemplo, propagandas políticas e partidárias tenham janela de interpretação e outros recursos de acessibilidade e que empresas hoje têm sido mais sensíveis a tornar suas marcas e produtos acessíveis ao público surdo, que é um público consumidor potencial. Assim, muitos textos publicitários hoje são acompanhados de janela de Libras, o que pode explicar que os TILSP estejam mais familiarizados com esse gênero.

Em relação às grandes áreas científicas (Gráfico 9), percebemos em primeiro lugar que a área das ciências humanas possui um maior equilíbrio nas respostas entre possuir ou não termos técnicos (terceiro gráfico, colunas vermelha, laranja e verde), inclusive alguns respondentes dizendo que há um repertório completo de termos nessa área (cor roxa), o que nos parece ser uma afirmação forte, mas que não deixa de indicar que é uma área em que a Libras circula mais. Por outro lado, há uma grande semelhança entre os gráficos das ciências exatas e biológicas, com clara predominância de grande carência (coluna vermelha) ou relativa carência (coluna laranja) de termos técnicos em relação à grande quantidade de termos (coluna verde). A área de exatas se destaca por trazer respostas de “completa ausência de termos”

(primeiro gráfico, cor azul), assim se colocando em um polo oposto ao das ciências humanas.

Gráfico 9 - Percepção dos TILSP sobre existência de vocabulário técnico em Libras nas grandes áreas científicas.



Fonte: elaborada pela autora

Na seção 2.2, discutimos como a língua possui vocabulários para atender às necessidades de seus falantes, de modo que nas esferas sociais em que os falantes circulam, espera-se encontrar gêneros textuais relativamente estáveis (Fiorin, 2016), que envolvem entre outros aspectos determinados repertórios lexicais. Assim, é plausível supor que a comunidade surda historicamente tenha circulado mais no campo das ciências humanas do que das biológicas e exatas. De fato, embora um levantamento desse tipo ainda não tenha sido feito, nossa experiência pessoal sugere que a maioria dos surdos que frequentam universidades estão nos campos da Letras Libras e da Pedagogia Bilíngue, pelo menos no que observamos nas universidades públicas. Isso se explica pelo fato desses cursos apresentarem políticas linguísticas voltadas especificamente à comunidade surda, como vestibulares traduzidos em Libras e processos seletivos simplificados.

Em parte, os dados da Tabela 1 sobre os principais cursos em que os TILSP atuam ou atuaram converge e em parte diverge das conclusões sobre o Gráfico 4. A convergência pode ser vista pelo fato (esperado) de que os cursos de Pedagogia (9 TILSP) e Letras (5 TILSP) estão entre aqueles mencionados em por um número significativo dos respondentes. Por outro lado, vemos que há outros cursos das exatas

e biológicas com boa representatividade, como Matemática (7 TILSP) e Química (5 TILSP).

Tabela 1 - Principais cursos nos quais os TILSP atuam ou já atuaram.

Nomeie os três principais cursos de ensino superior nos quais você já atuou ou atua	
Cursos	Quantidade de TILSP
Administração e Pedagogia	9
Matemática	7
Letras e Química	5
Contabilidade, Geografia e Educação Física	4
Engenharia e História	3
Análise de sistemas	2
Rede de computadores, Design, Recursos humanos, Ciências da computação, Biomedicina, Biologia, Direito	1

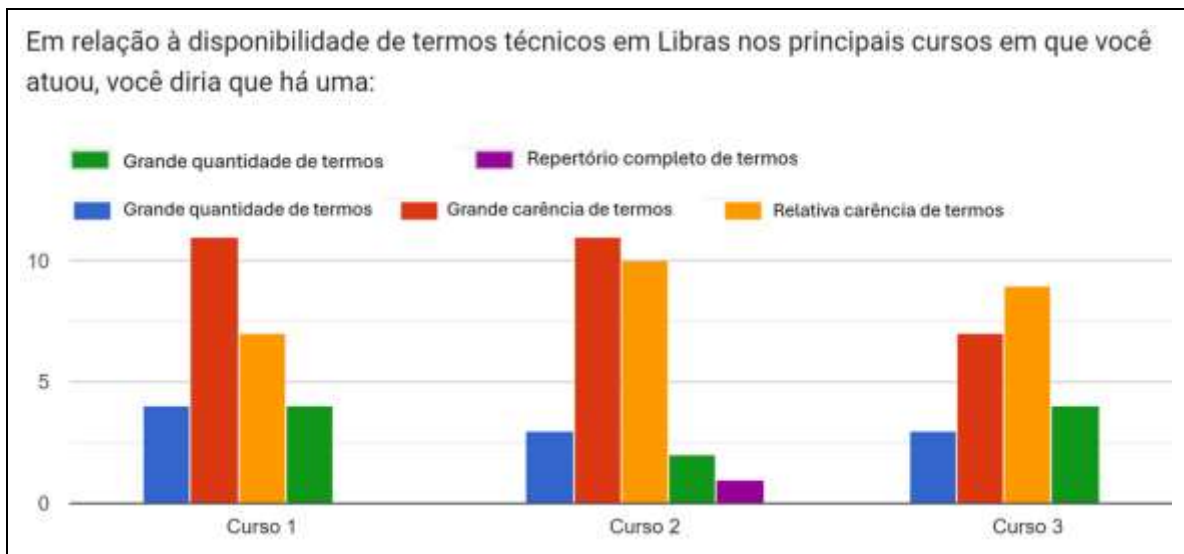
Fonte: elaborada pela autora

Além disso, de maneira geral, é interessante observar que o Ensino Superior de fato parece estar se abrindo cada vez mais ao público surdo, quando observamos que ao todo foram mencionados 18 diferentes cursos nas respostas — lembrando que a pergunta pedia apenas três cursos principais e, portanto, poderia haver um número ainda maior de cursos. Novamente, embora não tenhamos evidências de pesquisa para argumentar isso, nossa experiência na área diz que antes das promulgações da Lei 10.436 de 2002 e do Decreto 5.626 de 2005, muitos poucos surdos frequentavam o Ensino Superior e, quando isso acontecia, a maioria estava na área da Pedagogia, que tinha relação com a formação de professores para atuar na educação de surdos. Nossa hipótese é que essa diversificação de curso de fato se expandiu a partir de 2005.

Além disso, outra hipótese que faríamos pela nossa experiência é a de que essa diversificação de áreas que surdos frequentam é maior nas universidades privadas em relação às públicas porque há um maior número de pessoas surdas

frequentando universidades particulares do que públicas. Essa hipótese, no entanto, precisaria ser verificada por meio de novas pesquisas.

Gráfico 10 - Percepção dos TILSP sobre disponibilidade terminológica de sinais da Libras nos cursos em que atuaram



Fonte: elaborada pela autora.

As respostas da

Tabela 2 abaixo trazem possíveis razões, na perspectiva dos TILSP, para a existência ou carência de termos técnicos, expressa no Gráfico 10. Observamos que os fatores mais apontados pelos respondentes foram o problema da (a) documentação dos termos (mencionada por sete TILSP) e da (b) falta de pesquisas na área (mencionada por seis TILSP). Em relação à documentação, de fato esse é um tema sensível pois muitas vezes um surdo passa por um curso do início até o fim, muitos termos são criados e convencionados, porém não é feito registro e tudo se perde, enquanto um TILSP que vai assumir o mesmo curso em outro lugar ou em um momento futuro é obrigado a “reinventar a roda” — o que pode estar relacionado a dois outros fatores mencionados, de (g) falta de aprofundamento sobre o significado de sinais criados e (h) falta de padronização de sinais. Assim, o problema da documentação é de fato crucial para o desenvolvimento terminológico na Libras, e por isso atualmente os glossários de áreas específicas estão se expandindo por todo o Brasil.

Tabela 2 - Possíveis razões para lacuna terminológica na Libras

A quais razões você atribui a maior ou menor quantidade de termos técnicos em Libras nas áreas em que você atua?	
Fatores apontados	Quantidades de TILSP que mencionaram o fator
(a) Poucos termos documentados, pouco divulgação e difícil acesso do que já existe e às vezes confiabilidade duvidosa	7
(b) Falta de estudos/ ausência de pesquisa e produção científica na área	6
(c) Falta de familiaridade do intérprete na área	4
(d) Pouca participação de surdos na área	2
(e) Falta de tempo do intérprete para preparação das interpretações, incluindo pesquisa, criação e discussão de termos	2
(f) Poucos TILSP habilitados na área	1
(g) Pouco aprofundamento sobre o significado dos termos criados	1
(h) Falta de padronização dos sinais	1
(i) Falta de imagens visuais que possam contextualizar o contexto para o aluno	1
(j) Pouca proficiência dos alunos surdos no português e até mesmo na Libras	1

Fonte: elaborada pela autora

Em relação à ausência de pesquisas, de fato se não há por exemplo engenheiros surdos que pesquisem engenharia em Libras, não é possível que as terminologias dessa área se desenvolvam. Esse fator da carência de estudos na área, portanto, nos parece relacionado aos fatores da (c) falta de familiaridade do intérprete na área, a (d) pouca participação de surdos na área e (f) poucos TILSP habilitados, pois todos são interrelacionados para promover as pesquisas em um dado campo.

As perguntas a seguir passam a tratar especificamente das estratégias empregadas pelos TILSP para adoção de termos técnicos em suas atuações no Ensino Superior.

Gráfico 11 - Estratégias dos TILSP diante da ausência de termos técnicos.



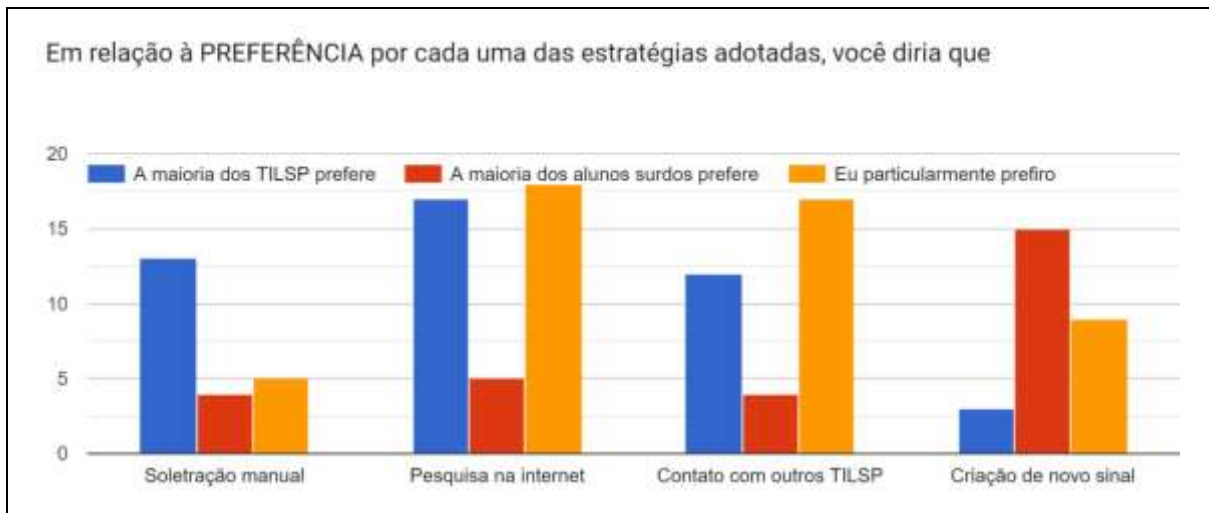
Fonte: elaborada pela autora

As estratégias de adoção de termos técnicos mais citadas no Gráfico 11 foram indicadas na resposta a partir da experiência da própria pesquisadora, na forma de alternativas. Mas é curioso perceber que a estratégia de criação de novos sinais foi pouco indicada pelos TILSP (42,9%), pois esperávamos que essa estratégia fosse mais recorrente devido à carência de termos de fato criados, ou a carência de bases de dados amplas que possibilitasse a todos intérpretes acessarem esses termos de modo padronizado e unificado no país. A estratégia mais usada foi “pesquisa na internet” (92,9%), seguida por contato com outros TILSP (75%) e soletração manual (71,4%). A pergunta envolvia a opção “outros”, mas ao ler as respostas de alguns TILSP, ficou claro que eles apenas usaram outras palavras para se referir aos mesmos processos acima: por exemplo, uma das respostas que diz que o TILSP “adapta classificadores” tem relação com “criar sinais”, e uma resposta que fala que o TILSP “convenciona sinais” serve para qualquer uma das estratégias, pois todas envolvem convencionar sinais para adotá-los.

É interessante ver sobre a preferência de estratégias de adoção de termos técnicos por diferentes públicos, como mostra o Gráfico 12. Primeiramente, gostaríamos de descartar da discussão as colunas azuis, pois refletindo posteriormente sobre essa alternativa, não consideramos adequado supor que os TILSP saibam dizer o que os demais colegas preferem em relação às estratégias de

adoção terminológica. Por isso consideramos mais válido avaliar apenas duas questões: o que o próprio TILSP respondente prefere e o que os alunos surdos (com os quais eles convivem diretamente) preferem.

Gráfico 12 - Preferências dos TILSP por estratégias de adoção de termos.



Fonte: elaborada pela autora

Vamos então considerar as cores vermelha (preferência dos surdos, na visão dos respondentes) e a laranja (preferência dos TILSP). Vemos que cada TILSP respondente (laranja) prefere primeiramente pesquisar na internet (segundo gráfico, coluna laranja), em seguida fazer contato com outros TILSP (terceiro gráfico, coluna laranja), em seguida criar um novo sinal (quarto gráfico, coluna laranja), e por último soletrar manualmente (primeiro gráfico, coluna laranja).

Por outro lado, na visão dos TILSP respondentes, os surdos têm clara preferência pela criação de novos sinais (quarto gráfico, coluna vermelha), e todas as demais opções são equilibradas, mas significativamente menores (primeiro, segundo e terceiro gráficos, coluna vermelha). De acordo com essas respostas, portanto, podemos supor que os surdos não estimulam seus intérpretes a buscar sinais em sites ou junto a outros TILSP mais experientes. Eles parecem ter uma preocupação mais pragmática e imediata de solução do problema emergencial que se apresenta a eles, e menos de questões como padronização de terminologia para a área — que já se mostra a preocupação central dos intérpretes ao preferirem a pesquisa na internet e o contato com outros TILSP.

Em relação à soletração manual (primeiro gráfico, colunas vermelha e laranja), tanto os TILSP quanto os surdos colocam como suas últimas opções. Esse desfavorecimento é compreensível, quando pensamos sobre os aspectos articulatórios e perceptuais da soletração manual, pois a expressão de palavras do português dessa maneira rompe com o fluxo do discurso em Libras e é de difícil execução articulatória, especialmente para falantes ouvintes que sabem a Libras como segunda língua. Além disso, pelo fato de a soletração de termos técnicos envolver palavras incomuns e especializadas, ela também é de difícil percepção e memorização pelos alunos surdos. Isso não significa que a soletração não tenha um papel relevante, mas apenas que ela é despreferida comparada a outras estratégias.

Tabela 3 - Razões da preferência dos TILSP por determinadas estratégias de adoção de termos técnicos na Libras.

Ainda em relação à PREFERÊNCIA por cada uma das estratégias, apresente os principais motivos para você, ou a maioria dos TILSP, ou a maioria dos alunos surdos preferirem uma dentre as demais estratégias		
Estratégia preferida	Quantidades de TILSP que mencionaram a estratégia	Motivo da preferência
(a) Pesquisa na internet	14	Fácil acesso e indicação de outros TILSP
(b) Criação de novos sinais	8	Adaptação de classificadores e trabalho colaborativo com alunos surdos
(c) Soletração manual	7	Primeiras apresentações do conceito ou situações emergenciais
(d) Contato com outros TILSP	4	Padronizar sinais já criados, compartilhar conhecimento, buscar apoio de TILSP mais experientes

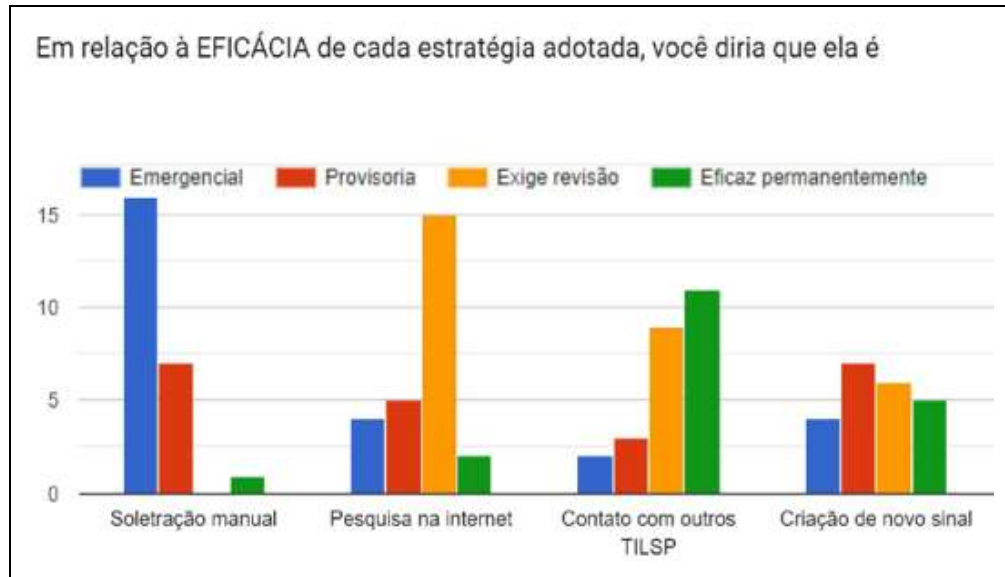
Fonte: elaborada pela autora

Os motivos apresentados pelos TILSP para adoção de cada estratégia na Tabela 3 confirmam a reflexão anterior. As pesquisas na internet são de fácil acesso e são fruto de indicação de outros TILSP mais experientes, e o contato com eles tem relação com a motivação de padronizar sinais já criados e compartilhar conhecimento (isto é, não “reinventar a roda”).

A criação dos sinais tende a ser feita em colaboração com os alunos surdos, que, portanto, se tornam mais protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. E a soletração manual tem uma função mais pontual, nas primeiras vezes em que um

conceito é apresentado, quando não há outras opções e o termo precisa ser incluído na tradução.

Gráfico 13 - Percepção dos TILSP sobre a eficácia de cada estratégia.



Fonte: elaborada pela autora

Em relação à percepção dos TILSP sobre a eficácia das estratégias, o Gráfico 13 primeiramente confirma que a soletração manual (primeiro gráfico) tem um caráter mais emergencial (coluna azul) e provisória (coluna vermelha), o que confirma as questões mencionadas acima sobre sua dificuldade articulatória e perceptual e sua ruptura do fluxo do discurso da Libras. A pesquisa na internet (segundo gráfico) é predominantemente vista como exigindo revisão, o que talvez aponte para a falta de uma confiabilidade plena nas fontes encontradas na internet, ou talvez a falta de padronização, pois termos diferentes podem ser postados por diferentes TILSP ou instituições. O contato com outros TILSP (terceiro gráfico) é o que mais foi indicado como eficaz de modo permanente (coluna verde), o que sugere que a personalidade da fonte traga mais confiança ao TILSP sobre o sinal a ser adotado. Em relação à criação de um novo sinal (quarto gráfico), a eficácia é inconclusiva.

De certa maneira, a pergunta feita no Quadro 1 abaixo foi um pouco redundante em relação às anteriores, porém os intérpretes trazem novas perspectivas que não havíamos previsto. O fato de ser uma solução emergencial provisória se mantém, mas é acrescido a motivação de “verificar se o surdo já conhece o conceito”

e é trazida a dificuldade adicional de não apenas ser difícil de ser percebida (“cansativa e limitante”), mas também que a falta de conhecimento do português, a segunda língua dos surdos, é um fator dificultador adicional. Por esses motivos, acaba não sendo a melhor estratégia “a longo prazo”.

Quadro 1 - Percepções dos TILSP sobre a estratégia de soletração manual para adoção de termos técnicos na Libras.

<p>Em relação à solução de SOLETRAR MANUALMENTE o conceito, comente:</p> <p>a) em que condições você acha essa estratégia adequada?</p> <p>b) quais são as vantagens e desvantagens que você percebe nela?</p>
<p>Os intérpretes entrevistados responderam que em sua maioria usam a soletração manual como uma estratégia adequada como recurso quando não há a existência de um sinal para um termo que está sendo apresentado. Também usam como estratégia para saber se o surdo talvez conheça o que está sendo apresentado e se ele conhece o sinal da palavra soletrada. Como desvantagem, os entrevistados apontam que pode haver a desvantagem do surdo ter dificuldade de compreensão em língua portuguesa, além de não conhecer um sinal para o que está sendo apresentado. A longo prazo, essa pode não ser a melhor estratégia a ser usada pois pode gerar uma lacuna na compreensão da interpretação, sendo cansativa e limitante para o surdo.</p>

Fonte: elaborada pela autora

Em relação à pesquisa na internet, apresentada no Quadro 2 abaixo, a plataforma YouTube se destaca dentre todas as demais (17 menções), seguida por sites de glossários (7 menções) e redes sociais (3 menções). O YouTube possui registros desde mais informais até os mais formais e institucionalizados e os critérios mencionados pelos TILSP envolvem a experiência de profissionais que apresentam os termos, ou o fato de serem surdos, ou do canal ser indicado por alguém experiente; além disso, há critérios inerentes aos sinais, como a frequência com que ocorrem e a semelhança entre sinais. Também no caso de redes sociais, as contas de pessoas experientes na área são privilegiadas. Já para aqueles que mencionaram sites com glossários, o maior número de menções foi em relação à UFSC e ao INES (Figura 7), embora essas menções podem ter relação com as áreas de atuação dos intérpretes, já que atualmente existem inúmeros glossários de inúmeras áreas disponíveis na internet.⁴

⁴ Apenas para citar alguns exemplos, temos: Glossário na área de eletrotécnica (<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/19367.pdf>), Glossário na área da saúde (https://www.gov.br/mec/pt-br/media/semesp/pdf/CartilhaLibrasMedicinaSaudeCapovilla2022_511.pdf), Glossário na área jurídica (<https://www.tjsc.jus.br/dicionario-juridico-de-Libras>), entre outros.

Quadro 2 - Percepções dos TILSP sobre a estratégia de pesquisa na internet para adoção de termos técnicos na Libras.

Caso você adote a solução de PESQUISAR NA INTERNET, especifique:	
c) em que sites ou canais você pesquisa?	
d) qual é o seu critério para confiabilidade do site ou canal?	
Opção por locais de pesquisa	Critérios adotados para pesquisa
17 TILSP apontaram o YouTube	Critério de pesquisa estão: canais de professores bilíngues e intérpretes atuantes na comunidade surda e com experiência como TILSP; sinais apresentados por pessoas surdas; frequência de ocorrência de sinais; semelhança entre sinais; canais indicados por outros profissionais da área
7 TILSP apontaram “Dicionários/ Sinalários/ Repositórios / Glossários”	Critério é o de instituições educacionais de referência como: ACATILS, Associações de surdos, INES, UFSC, Repositórios como Huet e o portal do Letras Libras
3 TILSP apontaram “Redes sociais” (Facebook e Instagram)	Critério são contas de pessoas já atuantes na comunidade surda

Fonte: elaborada pela autora

Figura 7 - Exemplo de glossários produzidos pelo INES e pela UFSC.

	
Link de acesso: https://www.gov.br/ines/pt-br/ensino-superior/nucleo-de-educacao-online/repositorio-huet/repositorio_ines.mp4/view	Link de acesso: https://glossario.Libras.ufsc.br/

Fonte: elaborada pela autora

Em relação à última questão apresentada no Quadro 3 abaixo, as respostas apenas reforçam o que já foi visto acima. O contato com outros TILSP tem relação com o fato de serem pessoas mais experientes em interpretação de modo geral, ou de já terem atuado no curso sobre o qual há dúvidas de terminologia. Apenas um outro fator é acrescentado, que é a consulta aos próprios surdos em busca de feedback

sobre os sinais adotados, e não apenas adotar sugestões de outros TILSP como certas — o que é uma preocupação importante, já que é o surdo o principal impactado por essa problemática.

Quadro 3 - Percepções dos TILSP sobre a busca de apoio a outros TILSP para adoção de termos técnicos na Libras.

<p>Caso você adote a solução de FAZER CONTATO COM OUTROS TILSP, especifique:</p> <p>e) a quem você costuma recorrer?</p> <p>f) qual é o seu critério para confiabilidade na informação dada pelo colega?</p>
<p>Com relação a fazer contato com outros TILSP, nove dos entrevistados costuma consultar outros TILSP mais experientes na área; sete TILSP buscam intérpretes que já tenham atuado no mesmo curso o qual se está atuando; um TILSP leva em consideração o feedback do surdo ou compara a sinalização de algum termo com outro colega de trabalho.</p>


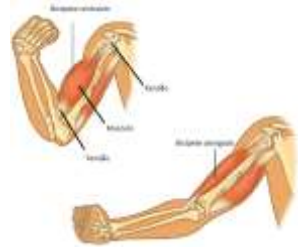



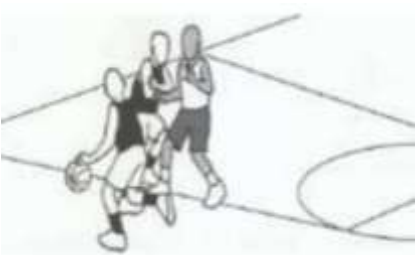
Fonte: elaborada pela autora

4.2 EXPERIÊNCIA PESSOAL DA PESQUISADORA

As respostas ao questionário foram feitas de modo objetivo e focaram especificamente na percepção dos 28 TILSP respondentes. Nesta seção, gostaria então de ilustrar o tipo de fenômenos aos quais os colegas TILSP se referiram, relativamente às quatro principais estratégias de adoção de termos técnicos na Libras. Faço isso de modo a promover uma autorreflexão sobre a minha própria prática, assim como destaque em um de meus objetivos específicos do trabalho. Assim, apresento abaixo, a título de ilustração, ocorrências para cada um dos tipos de estratégias de adoção de termos técnicos discutidas no questionário e que também fizeram parte de minha experiência pessoal.



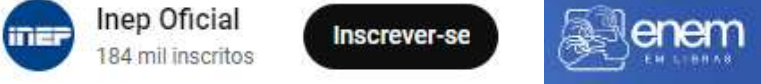

Na Figura 8, apresento exemplos de sinais que criei em colaboração com alunos surdos explorando a iconicidade das línguas de sinais; na Figura 9, apresento exemplos de sinais pesquisados na internet; na Figura 10, apresento exemplos de sinais adotados a partir da consulta com colegas de trabalho mais experientes e que já atuaram previamente na disciplina; e na Figura 11, apresento um exemplo de sinal que vem sendo utilizado por meio de soletração manual, por preferência do aluno surdo. Esses sinais foram adotados para atender a lacunas terminológicas em áreas tais como Anatomia, Educação Física, Rede de Computadores, Biologia e Linguística Aplicada, nas quais já atuei em minha trajetória profissional.

Figura 8 - Exemplo de neologismos criados com base na iconicidade

Link dos sinais produzidos em vídeo: https://youtu.be/1vwX8yFz0uc?si=BkRPrQs1jtYwATyQ	
Sinal criado em sala de aula	Imagem usada como motivação icônica
	
<p>Neologismo criado para representar o conceito de “tendão”, feito a partir de uma imagem disponibilizada pelo professor em sala de aula. Escolhi a configuração de mão em “Y” pois o meio das mãos representa a parte muscular do bíceps e as pontas dos dedos polegar e mínimo indicam onde o tendão se fixa. O sinal também envolve um movimento de extensão e flexão do braço passivo, indicando a mobilidade que o tendão possibilita.</p>	
	
<p>Neologismo criado para representar “upload para armazenamento em nuvem”, feito a partir de uma imagem disponibilizada pelo professor em sala de aula, envolvendo o ícone de uma nuvem com uma seta direcionada para cima.</p>	
	
<p>Neologismo criado para representar o conceito de “corta-luz” no basquetebol, feito junto com um aluno surdo com base no material disponibilizado pelo professor em sala de aula. O movimento completo do corta-luz envolve afastar os pés na largura dos ombros, flexionar os joelhos e manter o torso ereto, juntando os braços à frente do corpo ou cruzando-os sobre o peito. Para criar o sinal, selecionamos de modo econômico apenas a ação de cruzar os braços sobre o peito.</p>	

Fonte: elaborada pela autora

Figura 9 - Exemplo de sinais adotados a partir de pesquisas na internet

 glossario phb @glossariophb100 · 1,48 mil inscritos · 280 vídeos Saiba mais sobre este canal <input type="button" value="Inscrever-se"/>	
	<p>Critérios de adoção desse sinal para usar nas aulas de Bases Biológicas foram os seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"> iconicidade do sinal quantidade de vídeos semelhantes encontrados ser um glossário com profissionais com mais experiência
<p>Link de acesso:</p> <p>https://youtu.be/4BoMtJk4AVk?si=aCmJ7d0xVzWj0Hqz</p>	
	
	<p>Os critérios de adoção desse sinal:</p> <ol style="list-style-type: none"> ser um sinal de uma instituição oficial ser um sinal presente em outros registros encontrados
<p>Link de acesso: https://www.youtube.com/watch?v=KluuszuHdNM</p>	


Fonte: elaborada pela autora

Figura 10 - Exemplo de sinais adotados em consulta com colegas experientes

<p>Critério de escolha: Confiabilidade em um colega mais experiente e que já atuou na área</p>
 <p>Sinal para o conceito de "bactéria"</p>
<p>Link: https://www.youtube.com/watch?v=5hSIS9Y2A6o&ab_channel=LumaMoraes</p>
 <p>a. b.</p> <p>Sinais para os conceitos de (a) "alfabetização" e (b) "letramento"</p>
<p>Link de acesso: https://www.youtube.com/watch?v=wxYWhEZuzM&ab_channel=LumaMoraes</p>

Fonte: elaborada pela autora

Figura 11 - Exemplo de sinal produzido por meio de soletração manual

 <p>Sinal para o conceito da "Linguagem de programação 'Portugal'"</p>	<p>É uma linguagem de programação mais simples voltada para iniciantes nos cursos de T.I., e também serve de base para outras linguagens de programação. Ainda não criamos um sinal e o surdo tem preferido usar a datilologia durante as aulas.</p>
---	--

Fonte: elaborada pela autora

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, quando se iniciou, tinha por objetivo descobrir como os TILSP atuantes no ensino superior lidam quando se deparam com termos específicos de uma determinada área, na qual há pouco ou nenhum registro em Libras, a problemática sobre a qual esta pesquisa se debruçou. Quais estratégias eram usadas por esses TILSP e quais os critérios usados para a adoção de termos específicos em diferentes áreas do conhecimento científico? Os métodos usados por outros colegas se assemelhavam ou distinguiam dos quais eram adotados por mim? Esta pesquisa procurou então fazer um levantamento das estratégias para suprir a necessidade terminológica na Libras, que outros TILSP vêm usando na solução de termos específicos, bem como quais são as perspectivas desses profissionais sobre a necessidade da criação e registros de terminologias.

A partir da realização deste trabalho, ao analisar os dados coletados (seção 4.1), pudemos verificar de que maneira outros intérpretes de Libras-português enxergam a problemática da lacuna terminológica nas áreas científicas do Ensino Superior, bem como se relacionam com as diferentes estratégias de adoção de termos técnicos usadas pela autora desta pesquisa: a pesquisa na internet, a criação de sinal junto aos alunos surdos, a soletração manual e o contato com TILSP mais experientes.

Vimos que, na perspectiva dos respondentes, essa lacuna terminológica se deve a diversos motivos, dentre os quais destacamos como os mais significativos: (a) problemas de documentação (carência de glossários, pouca divulgação dos existentes e confiabilidade duvidosa); (b) falta de pesquisas científicas na área; (c) falta de familiaridade do intérprete com a área; (d) pouca participação de surdos na área; (e) falta de tempo de preparação do intérprete em seu trabalho; e (f) pouca proficiência dos alunos surdos no português, a partir do qual os termos devem ser traduzidos.

A maior parte desses fatores corrobora a contextualização teórica que oferecemos em nossa reflexão sociolinguística. A exclusão histórica das pessoas surdas brasileiras e a sua língua, a Libras, de esferas sociais institucionalizadas como o Ensino Superior, incluindo tanto Graduação quanto Pós-Graduação, se reflete nos fatores (a), (b), (d), (f). Já os fatores (c) e (e) apontam para outros aspectos que não havíamos previsto.

No caso de (c), esse fator nos parece apontar para um desafio de certo modo inevitável do campo da interpretação de línguas de sinais: o fato de que o mercado de trabalho para intérpretes no âmbito educacional envolve uma vasta gama de áreas especializadas e seria impossível, para qualquer intérprete, dominar todas as áreas. Não é possível a um intérprete prever qual área ele será requisitado a interpretar e os cursos de formação de intérpretes, tais como o Letras-Libras, como não poderia deixar de ser, envolvem uma formação generalista.

Por fim, o fator (e) nos apresenta outro ponto interessante que não foi previsto em nossa contextualização teórica, que envolve as condições de trabalho dos intérpretes. A interpretação de línguas de sinais é uma profissão nova, recentemente regulamentada, como discutido na seção de Introdução deste trabalho, e ainda existe muita discrepância de condições de trabalho para os intérpretes no mercado. Muitas vezes, os gestores que organizam o trabalho dos intérpretes desconhecem o campo e as suas demandas específicas: a importância do tempo de preparo para as atividades, as demandas cognitivas decorrentes das cargas horárias de interpretação, a importância dos trabalhos em equipe, dentre outros fatores. Esses vários aspectos podem também comprometer a qualidade do processo de adoção de termos técnicos por parte dos intérpretes.

Em relação a quais estratégias os intérpretes de Libras adotam, a pesquisa na internet foi a mais amplamente mencionada, o que mostra a importância de termos glossários confiáveis, bem divulgados e acessíveis de modo online, para facilitação do trabalho dos intérpretes. O contato com intérpretes mais experientes foi a segunda estratégia mais mencionada, o que é positivo no sentido de revelar uma rede colaborativa entre esses profissionais, mas que também incorre no risco de uma grande falta de padronização desses termos. A soletração manual foi a terceira estratégia mais mencionada e, em geral, foi justificada para os momentos em que novos termos eram introduzidos, como uma solução provisória.

Por fim, a criação de sinais (quase sempre feita de modo colaborativo com os alunos surdos) se revelou como uma estratégia que, na perspectiva dos intérpretes respondentes, é de preferência desses alunos surdos. Ainda que seja ideal que os falantes surdos da Libras participem diretamente do processo de criação de sinais, quando isso é feito isoladamente em diferentes locais, sem documentação e disseminação dos resultados, tal estratégia também incorre no risco de gerar uma falta de padronização de termos técnicos.

Tendo em vista que o questionário foi produzido de forma objetiva em torno do tema das estratégias para adoção de termos técnicos na Libras, na segunda parte da análise (seção 4.2) busquei trazer exemplos concretos dessas estratégias para ilustrar ao leitor de que elas tratam. Nos sinais de natureza icônica, como por exemplo nas Figuras Figura 8 e Figura 9a, pudemos identificar os processos de seleção, esquematização e codificação de aspectos imagéticos relacionados aos conceitos que os termos buscam representar, tal como o modelo de Taub (2001) prevê. Porém, houve casos em que optei por adotar termos técnicos que não tinha uma iconicidade evidente para mim, tal como o conceito de “epistemologia” da Figura 9b, mas ainda assim optei por essa estratégia pela confiabilidade da instituição que serviu de fonte para a pesquisa. Por último, mostrei que em alguns casos, como no sinal da linguagem de programação “Portugol” (Figura 11), optei por manter a estratégia da soletração manual por preferência do próprio aluno surdo.

Sendo uma pesquisa de TCC, esse trabalho abordou o tema da terminologia na Libras de modo introdutório e ainda resta muitas pesquisas aprofundadas a serem feitas. Por exemplo, seria interessante uma pesquisa que fizesse um inventário de glossários técnicos das mais diversas áreas científicas disponíveis na internet, reunissem todas essas informações em um único site que pudesse centralizar a pesquisa de intérpretes em busca de termos técnicos. Esse site poderia inclusive envolver um tipo de “curadoria”, selecionando os glossários que apresentassem maior confiabilidade quando consideramos o contexto e o modo como foram produzidos.

É também de fundamental importância estudar não apenas como os intérpretes lidam com esse desafio, mas também os alunos surdos, que são os maiores interessados em ver solucionado o problema da lacuna terminológica de sinais da Libras em campos do Ensino Superior. Em quais áreas as pessoas surdas têm mais se formado na Graduação e Pós-Graduação? Qual é a perspectiva desses alunos sobre as estratégias de adoção de termos técnicos que os intérpretes têm tomado? O quanto eles têm participado dos processos de criação terminológica em sua própria língua? Tais questões não puderam ser aqui abordadas, mas este trabalho revela que questões dessa natureza são de interesse futuro.

Em suma, os resultados da pesquisa me ajudaram a refletir sobre a importância de criarmos registros e desenvolvermos pesquisas na área terminológica, de modo a tornar os termos técnicos de diferentes áreas disponíveis a outros colegas e à comunidade surda, já que cada vez mais os surdos têm acessado ao Ensino

Superior. Desde o final da década de 2000-2010, uma nova geração de intérpretes está se constituindo, pois pela primeira vez na história surgem cursos de formação universitária para os quais as pessoas podem fazer uma escolha profissional, em busca de se tornarem tradutores e intérpretes de línguas de sinais com um mercado de trabalho formal em perspectiva. Isso difere dos anos anteriores, nos quais não havia legislação e os intérpretes atuavam todos informalmente. Assim, por meio desta pesquisa, esperamos incentivar outros pesquisadores, tanto surdos como ouvintes, a produzir mais registros principalmente nas áreas do conhecimento em que a participação dos surdos e a circulação da Libras é mais recente.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1983.
- ASSIS SILVA, César Augusto de. *Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola: São Paulo, 1999.
- BRASIL. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 11 jul. 2024.
- BRASIL. **Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: [data de acesso].
- BRASIL. **Lei Nº 12.319, de 1 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras). (Redação dada pela Lei nº 14.704, de 2023). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: [data de acesso].
- DINIZ, Heloise G. **A história da língua de sinais brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- FERGUSON, Charles A. **Diglossia**. *Word*, v. 15, p. 325-340, 1959.
- FERREIRA, Alessandra T. S.; VASCONCELOS, Iara A. H.; DAWES, Tathianna P.; BRAZ, Ruth M. M.; ALVES, Gustavo H. V. S.; FRAGEL-MADEIRA, Lucianne. Sinais- termos científicos em Libras: uma reflexão sobre a escassez e a necessidade de padronização. **Ciência & Educação**, v. 30, 2024.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. – [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. **Morfologia**. Material didático para o Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- KATO, Mary. No mundo da escrita: Uma perspectiva sociolinguística. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979.
- LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**, Vol. 5, n. 9. Tradução de Gabriel de Ávila Othero, 2007.
- LUNG, Rachel. Translating sensitive texts. **Perspectives: Studies in Translatology**, v. 11, n. 4, 2003.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. Funções da linguagem. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- McCLEARY, Leland. Oralidade visual: Implicações para a história oral. In: ATAIDE, Yara D. B. (Org.) **Do oral ao escrito: 500 anos de história do Brasil**. Salvador: Editora da Universidade do Estado da Bahia (Eduneb), 2000, p. 672-681.
- McCLEARY, Leland E. **Sociolinguística**. Material didático para o Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luis (Org.). **Introdução à linguística: Objetos teóricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.
- QUADROS, Ronice M. (Org.). **Letras-Libras: Ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.
- SILVEIRA, Denise T.; CÓRDOVA, Fernanda P. **A pesquisa científica: Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.
- TAUB, Sarah F. Language from the body: Iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.